CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

Quando PLACAR surge, em 1970, o São Paulo está encerrando as obras do Morumbi e acabando com uma escrita de 13 anos sem títulos. Desde então, a revista acompanhou a lenta trajetória de um clube até sua ambição mais alta: o título mundial interclubes. Um sonho acalentado desde 1974, quando a Libertadores esteve ao alcance das mãos e escapou no último jogo, e que os são-paulinos teriam que esperar mais 18 anos até finalmente realizar. Nesse meio tempo, bons momentos não faltaram, e boa parte deles está contada nos 23 textos originais da revista reproduzidos nesta edição especial. Tudo para os são-paulinos mais jovens conhecerem melhor a história do clube, e os menos jovens recordarem que grandes momentos esse time lhes proporcionou, e o quanto valeu a pena ser são-paulino nas últimas três décadas.

P.S.: A camisa do São Paulo que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca. Ela foi vestida por Gilberto Sorriso no jogo São Paulo 4 x 0 Millonarios (Colômbia), em 27 de setembro de 1974. ◻

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE COMERCIAL: Carlos R. Berlinck
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Paulo Cesar Araújo
VICE-PRESIDENTE DE NEGÓCIOS: Giancarlo Civita

DIRETOR DE NÚCLEO: Paulo Nogueira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Sérgio Xavier Filho **DIRETOR DE ARTE:** Fábio Bosquê Ruy **REDATOR-CHEFE:** André Fontenelle **EDITOR DE FOTOGRAFIA:** Ricardo Corrêa Ayres **EDITORES ESPECIAIS:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fábio Volpe **REPÓRTERES:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **SUBEDITOR DE FOTOGRAFIA:** Alexandre Battibugli **FOTÓGRAFO:** Eduardo Monteiro (RJ) **DIAGRAMADORES:** André Koguti e Crystian Cruz **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Silvana Ribeiro **COLABORARAM:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo **ABRIL PRESS:** José Carlos Augusto **NOVA YORK:** Grace de Souza **PARIS:** Pedro de Souza **RIO DE JANEIRO:** Débora Chaves

DIRETOR COMERCIAL: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: DIRETOR: Ricardo Packness de Almeida **GERENTE DE PRODUTO:** Euvaldo Junior **ASSISTENTE DE PRODUTO:** Erica Lemos **PROMOÇÕES E EVENTOS:** Marina Decânio **PROJETOS ESPECIAIS:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: DIRETORES: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **GERENTES:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **EXECUTIVAS DE NEGÓCIOS:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **EXECUTIVOS DE CONTAS:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: GERENTE DE PRODUÇÃO: Andrea Giovanni Spelta **COORDENADORES DE PUBLICIDADE:** Iria Ferneda, Renato Rosante **COORDENADOR DE PRODUÇÃO:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: GERENTE: Auro Iasi **CONSULTORA FINANCEIRA:** Lourdes Oliveira

GERENTE ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Angela Rehem de Azevedo **DIRETOR DE PUBLICIDADE REGIONAL:** Jacques Ricardo **DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO:** Paulo Renato Simões **REPRESENTANTE EM PORTUGAL:** Manuel José Teixeira **DIRETOR DE PUBLICIDADE - CLASSIFICADOS:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Ana Dávalos
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira

EM SÃO PAULO: REDAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **PUBLICIDADE:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.
ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: BELO HORIZONTE: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **BLUMENAU:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **BRASÍLIA:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **CAMPINAS:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **CURITIBA:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **FLORIANÓPOLIS:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **JOINVILLE:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **LONDRINA:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **PORTO ALEGRE:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **RECIFE:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **RIBEIRÃO PRETO:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **RIO DE JANEIRO:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21)-2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **SALVADOR:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **VITÓRIA:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: NOVA YORK: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **PARIS:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **PORTUGAL - IMPORTAÇÃO EXCLUSIVA E COMERCIALIZAÇÃO:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: INTERESSE GERAL: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **NEGÓCIOS:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **FEMININAS:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **MASCULINAS:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **TURISMO E AVENTURA:** Viagem e Turismo, National Geographic **GUIAS:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **CASA E FAMÍLIA:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **INFANTO-JUVENIS:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **ABRIL MULTIMÍDIA:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **ANUÁRIOS:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
EDITORA CARAS, EDITORA SÍMBOLO, ABRIL CONTROLJORNAL/EDIPRESSE, EM PORTUGAL, EDITORIAL PRIMAVERA, NA ARGENTINA
INTERNET: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **ENTRETENIMENTO:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **EDUCAÇÃO:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1201 (ISSN 0104-1762), ano 32/nº 31, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **EDIÇÕES ANTERIORES:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IVC | IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. | ANER

www.abril.com.br

PRESIDENTE E CEO: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTES: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

DEPOIS DE 13 ANOS SEM TÍTULOS, economizando na compra de jogadores para terminar de construir o Morumbi, finalmente o São Paulo comemorava uma conquista

DEU SÃO PAULO, EIS O MOTIVO

Por que o São Paulo merecia ganhar? O que fez esse clube para acabar com suas inexpressivas campanhas dos últimos campeonatos e surgir, de repente, com um futebol novo e uma força de grande campeão?

>> POR PIO PINHEIRO

O grito de vitória explodiu, forte e violento, em todas as partes do campo. Um mar de bandeiras tricolores se ergueu, frenético, cobrindo de festa o pequeno estádio Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas. Eram 23 horas do dia 9 de setembro: o São Paulo tornava-se o campeão paulista de 1970. Era o fim de uma longa espera de 13 anos.

— Nós merecemos esta conquista. Este título tinha que ser do São Paulo (Zezé Moreira, técnico do time).

Por que o São Paulo merecia ganhar? O que fez esse clube para acabar com suas inexpressivas campanhas dos últimos campeonatos e surgir, de repente, com um futebol novo e uma força de grande campeão? Antes de mais nada, a vitória do São Paulo foi a vitória da fé. Fé de um grupo de homens que acreditaram num plano de trabalho diferente, dinâmico e muito realista, onde não havia lugar para sonhos. Ali só cabia a consciência do futebol moderno e dos seus novos rumos. O São Paulo tomou um destes caminhos.

A fórmula parece simples: união entre os jogadores + amizade + grande conhecimento do que é o futebol + ausência de complexos e vícios. Resultado: um time preparado para ser campeão, ou, pelo menos, ter condição de disputar o título.

Um dos principais responsáveis pelo sucesso do São Paulo, o homem que tem um bom pedaço dessa conquista, é também quem menos aparece, quem nunca sai nos jornais, e nunca está nas horas de glória. João Carvalhaes, psicólogo, conselheiro, amigo, um preparador de jogadores, esse é o homem. Aquele que, antes e durante o campeonato, tinha sempre uma conversa com a equipe, todas as semanas. E era nessas conversas que os jogadores do São Paulo, principalmente os mais novos, se libertavam de seus medos e complexos, para entrar em campo cada vez mais confiantes em seu futebol.

Depois do trabalho do professor, vem o trabalho de Zezé Moreira, técnico calmo, muito tranqüilo, que sempre fala pouco e não gosta de contar suas idéias sobre o futebol. Apoiado no trabalho de Carvalhaes, Zezé lançou Paulo e Gilberto definitivamente, sem perigo nenhum de queimá-los. No Morumbi, todos têm a mesma opinião: o São Paulo ganhou o título graças à sua preparação técnica e psicológica e à grande união que existe agora entre todos os jogadores.

Laudo Natel, presidente do clube, futuro governador do Estado, quase não conteve as lágrimas no dia da vitória. Para ele, como presidente, foi a realização total. Isto porque o São Paulo conseguiu ser campeão no ano da conclusão do Morumbi, o maior estádio particular do mundo.

O São Paulo de hoje, o São Paulo campeão, já é outro time. Um time em que se pode ver Gérson, com a perna engessada e de bengala na mão, jogar tudo para cima e sair pulando numa perna só para abraçar seus companheiros, como fez depois do jogo com o Guarani. À torcida, o São Paulo entrega este título, que todos acham que já merecia há muito tempo. E não é só: o São Paulo promete novo caminho de alegrias para seu nome e tradição.

— Este título — diz Toninho, o Guerreiro — foi apenas o começo.

"O SÃO PAULO DE HOJE, O SÃO PAULO CAMPEÃO, JÁ É OUTRO TIME. UM TIME EM QUE SE PODE VER GÉRSON, COM A PERNA ENGESSADA E DE BENGALA NA MÃO, JOGAR TUDO PARA CIMA E SAIR PULANDO NUMA PERNA SÓ PARA ABRAÇAR SEUS COMPANHEIROS"

9/9/70 BRINCO DE OURO (CAMPINAS)

SÃO PAULO 2 X 1 GUARANI

J: Armando Marques; **R:** Cr$ 92 988;
G: Toninho 27 e Paulo 34 do 1º; Vagner 22 do 2º
SÃO PAULO: Sérgio; Forlan, Jurandir, Dias e Gilberto (Tenente); Édson e Nenê; Paulo, Terto (Benê), Toninho e Paraná.
T: Zezé Moreira
GUARANI: Pérez; Wilson, Cidinho, Tininho (Guassi) e Ferrari (Cido); Hélio e Milton; Vagner, Capelozza, Vanderlei e Caravetti.
T: Armando Renganeschi

LEMYR MARTINS

Terto e Toninho comemoram: enfim campeão paulista de novo

DOZE TIMES, TODOS CONTRA TODOS, PONTOS CORRIDOS. Na última rodada, o São Paulo jogava pelo empate, um ponto à frente do Palmeiras. Venceu e ficou com o título, no recém-completado Morumbi

É O SÃO PAULO

Disputando para ganhar, levado por Gérson, o tricolor foi para a decisão jogando só o necessário

>> POR MICHEL LAURENCE

Foi São Paulo do princípio ao fim. E seria uma injustiça se, à última hora, a faixa de campeão não fosse para os seus jogadores. O São Paulo é um time que o torcedor, o comentarista e até os jogadores dos outros times custam a aceitar.

Tudo porque seu jogo é medido, os gols escassos. Mas essa maneira de ver o bicampeão só acontece porque ele possui quatro jogadores de quilate superior (Gérson, Pedro Rocha, Édson e Toninho), que ofuscam com uma jogada o trabalho de qualquer outro de seus companheiros.

Mas o destino foi camarada para Sérgio, Forlan, Jurandir, Arlindo, Gilberto, Terto e Paraná. Foram justamente esses jogadores que mais brilharam na partida final. Ninguém pode negar que Terto é um batalhador de extraordinária vitalidade. Paraná, um dos maiores catimbeiros (até mesmo um chato) desse campeonato. Sérgio (aquela cabeçada do Ademir foi demais), o goleiro de defesas tranqüilas, que até dá a impressão de falso nervosismo.

Desta vez foi em torno desses jogadores (Arlindo esteve perfeito), que não tiveram uma falha sequer, que o São Paulo foi buscar o bicampeonato. Claro que Gérson foi importante. Que Toninho fez o gol e soube prender a bola. Que Édson foi para o sacrifício. Que Pedro Rocha tem o toque de bola de um gênio. Mas os "esquecidos" estiveram sensacionais.

E é isso que muita gente não enxerga em função do brilhantismo dos que se convencionou chamar de "os quatro cardeais". Então o time parece ser somente esses quatro craques. A impressão é que só eles podem resolver o problema. Que só eles vestem a camiseta do São Paulo. Daí a sensação de um time incompleto.

Não é nada disso. O São Paulo é um time de 11 jogadores, bem arrumados em campo, com vontade de jogar até mais do que sabem, para ganhar uma partida, para chegar ao título. Com a sorte de ter um Gérson, um Toninho, um Édson e um Pedro Rocha, mas um time com 11 jogadores. Ou até mesmo com 12 (ia esquecendo o Carlos Alberto) ou 13 (e por que não o Lima?).

Foi um time, um elenco inteiro, que foi campeão. Não é justo esquecer alguns. Foi um time que chegou ao bicampeonato. Um time com brio, com garra, disposição e muita categoria nos momentos necessários. Um campeão cheio de razões para estar vibrando, porque ninguém esteve mais regular do que ele durante todo o campeonato. Um campeão de fato e de direito. Um campeão que, com um "joguinho" seguro, chegou onde queria, sem nunca estar muito ameaçado. Um campeão feito na mais sensacional final do Campeonato Paulista dos últimos 20 anos.

"O SÃO PAULO É UM TIME QUE O TORCEDOR, O COMENTARISTA E ATÉ OS JOGADORES DOS OUTROS TIMES CUSTAM A ACEITAR. TUDO PORQUE SEU JOGO É MEDIDO, OS GOLS ESCASSOS"

27/6/71 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 0 X 1 SÃO PAULO

J: Armando Marques; **R:** Cr$ 913 196; **P:** 115 000; **G:** Toninho 6 do 1º; E: Fedato e Eurico

PALMEIRAS: Leão; Eurico, Luís Pereira, Minuca e Dé; Dudu e Ademir da Guia; Edu, Leivinha, César e Pio (Fedato). **T:** Mário Travaglini

SÃO PAULO: Sérgio; Forlan, Jurandir, Arlindo e Gilberto; Édson, Gérson e Pedro Rocha (Carlos Alberto); Terto, Toninho e Paraná. **T:** Osvaldo Brandão

Toninho Guerreiro passa por Dudu: ele fez o gol do título

O polêmico gol anulado de Leivinha: Armando Marques deu toque e errou

O SÃO PAULO TERIA QUE ESPERAR ATÉ 1992 PELO SONHADO TÍTULO. Venceu o primeiro jogo no Pacaembu, mas perdeu em Avellaneda e na "negra" em campo neutro, quando Zé Carlos Serrão desperdiçou um pênalti

ONZE ANOS DE SOFRIMENTOS

O São Paulo desperdiçou, na final com o Independiente, a chance de trazer a Libertadores de volta ao Brasil

>> POR DIVINO FONSECA

Como e por que um time que não é sequer o melhor da Argentina conseguiu ser tricampeão de um torneio que já conquistou cinco vezes? Sem falar em seus méritos próprios, aproveitou-se dos erros estratégicos do São Paulo.

Depois de vencer a primeira partida, em casa, o São Paulo não se preparou convenientemente para a guerra que o esperava em Buenos Aires. No exposto e inseguro estádio de Avellaneda, não teve garra para segurar o empate que lhe daria o título. Ao primeiro tiro da batalha — uma enorme pedra que atingiu o goleiro Waldir Peres na cabeça — o time quase todo pôs-se a tremer em campo, deixando que os jogadores do Independiente trabalhassem tranqüilamente para empatar a disputa e forçar a negra.

Pedro Rocha não podia jogar. A cápsula sinovial do tornozelo direito estava rompida, o local inchado, dolorido. Mas Pedro Rocha não admitia ficar de fora. O médico Dalzel Freire Gaspar submeteu-se à força moral do uruguaio. Poy entrou na onda:

— Prefiro o Rocha meio morto que o Ademir.

E Pedro Rocha entrou em campo cheio de injeções de anestésico, arriscando-se até a encerrar sua carreira com uma lesão gravíssima — mas falando em ganhar na garra, na força, na coragem.

Aos 26, Pavoni chutou e Forlan desviou a bola perigosamente; Waldir Peres conseguiu deter a bola, mas ela já havia saído a córner.

Na cobrança, o pênalti. O tiro veio rasante e Forlan pulou com os braços abertos. O juiz peruano Carlos Orozco, a menos de dois metros do lance, entendeu que foi mão na bola e marcou o pênalti, que Pavoni transformou no gol que seria o da vitória. Aos 27 minutos do primeiro tempo.

Os argentinos, conscientes, deram campo ao São Paulo. Se poupavam visivelmente — o empate podia surgir até num gol casual, e quem estivesse mais inteiro certamente ganharia a prorrogação. E foi justamente quando o São Paulo começava a perder o gás e sofrer perigosos contra-ataques que surgiu sua grande chance. Zé Carlos, até então o melhor em campo, entrou pela esquerda da área e sofreu o sanduíche de Commisso e Sá. Mais uma vez Orozco não titubeou em apontar a marca do pênalti. Gay se adiantou, é verdade, mas Zé Carlos bateu mal o pênalti, quase nas mãos do goleiro argentino. Um gol naquela hora, com o São Paulo ainda animado, podia significar a vitória. Faltavam ainda 18 minutos — um tempo que encurtou terrivelmente depois do pênalti perdido.

E lá se foi a Taça Libertadores das Américas de volta para Buenos Aires, desta vez definitivamente — e com justiça. Houve carnaval em Buenos Aires, no bairro operário de Avellaneda. E houve tragédia no vestiário do São Paulo. Piau chorava comvulsivamente, chegava a babar. Mauro chorava. Forlan ficou 20 minutos sentado no chão, de cabeça baixa. Pedro Rocha só balançava a cabeça, não sabia responder nada. Os dirigentes lastimavam os prejuízos: adeus sonhada decisão com o Bayern München, adeus fama intercontinental, e — todos desconfiavam, devido ao desânimo, ao cansaço, às lesões e aos jogos adiados — adeus Campeonato Paulista.

"DEPOIS DE VENCER A PRIMEIRA PARTIDA, EM CASA, O SÃO PAULO NÃO SE PREPAROU CONVENIENTEMENTE PARA A GUERRA QUE O ESPERAVA EM BUENOS AIRES"

19/10/74 NACIONAL (SANTIAGO)
INDEPENDIENTE 1 X 0 SÃO PAULO
J: César Orozco (Peru); **P:** 45 000;
G: Pavoni (pênalti) 27 do 1º
INDEPENDIENTE: Gay, Commisso, Sá, López e Pavoni; Galván, Raimondo e Balbuena (Carrica); Semenewicz, Bochini e Bertoni (Giribet). **T:** Roberto "Pipo" Ferreiro
SÃO PAULO: Waldir Peres, Forlan, Paranhos, Arlindo e Gilberto (Nélson); Chicão, Pedro Rocha e Mauro; Zé Carlos Serrão (Silva), Mirandinha e Piau. **T:** José Poy

Pedro Rocha marca no primeiro jogo decisivo: ele jogaria machucado depois

O SÃO PAULO JOGAVA PELO EMPATE, mas perdeu por 1 x 0 no tempo normal e a decisão foi para os pênaltis. Aí Waldir Peres revelou-se decisivo pela primeira vez

NA GARRA E NOS PÊNALTIS, O SÃO PAULO FAZ JUSTIÇA

Nada mais esperado do que a eufórica comemoração nas gerais, no campo e no vestiário, que em poucos minutos se enche de gente e confete — os corpos suados se abraçando em lágrimas

>> POR CARLOS MARANHÃO E MAURÍCIO CARDOSO

Sob uma chuva de talco perfumado e papéis picados, antecipando a garoa fina que logo começaria a cair, o Morumbi afinal foi sacudido por choros e gritos de alegria.

— Waldir! Waldir! — berravam, das cadeiras numeradas.

No campo, há um instante tomado de assalto pela multidão em festa, torcedores carregavam nos braços o goleiro Waldir Peres, com a faixa de campeão paulista, não mais com as luvas que usara para defender, caindo firme no canto direito, o chute violento de Tatá.

O título fora ganho na cobrança dos pênaltis, ao fim da prorrogação que terminara empatada? Não importava. Na série de penalidades, Pedro Rocha, Serginho e Chicão haviam convertido, enquanto Wilsinho atirara para fora e Waldir espalmara os chutes de Dicá e Tatá.

A vitória por 1 x 0 na noite de quinta-feira — com um gol absolutamente legal de Pedro Rocha, apesar das reclamações da Portuguesa — confirmou a expectativa. Nem mesmo o discurso do presidente do clube, Henri Aidar, prometendo levantar o título no tapetão, na eventualidade de ser perdido em jogo, o que, ao lado de outras reclamações que se revelaram inúteis, só serviu para afugentar o público.

Ao invés do árduo duelo tático de quinta-feira, o público assistia agora a uma luta emocionante. Aos 31 minutos, Enéias subiu sozinho e a Portuguesa fez o gol. Dois minutos depois, um lance altamente dramático: descontrolado, Muricy acerta uma solada em Dicá. Muricy, até aquele instante, vinha sendo o melhor jogador da partida. Deslocava-se, buscava os espaços vazios e, quase sempre, criava as melhores jogadas do São Paulo.

Duas horas antes, no vestiário do juiz, Dulcídio Boschillia — sorteado para apitar — antecipara que não admitiria o jogo violento.

— Hoje, cartão amarelo não adianta. Quem se exceder sai.

E, com Dicá se contorcendo, cumpriu a ameaça, expulsando Muricy.

Com dez homens apenas, o São Paulo passou a mostrar o aguerrimento e a bravura que se esperam de um verdadeiro campeão. Resistiu acima de seus limites, brigou em certos momentos talvez além de suas forças. E nada mais esperado do que a eufórica comemoração nas gerais, no campo e no vestiário, que em poucos minutos se enche de gente e confete — os corpos suados se abraçando em lágrimas.

Num canto, de roupa trocada, Muricy chorava desconsolado. No intervalo, ele fora ao vestiário da Portuguesa pedir desculpas a Dicá. Passara o resto do jogo na concentração, rezando, em desespero. De que adiantara ter sido a maior revelação do campeonato se sua expulsão poderia provocar a perda do título? Ficaria um jogador marcado, por certo, quem sabe jamais o perdoariam pelo erro. E o São Paulo, campeão de 1975, não tinha ânimo para festejar. Um a um, os companheiros afagavam seus cabelos escorridos. Os torcedores em coro repetiam seu nome. Por último, esquivando-se pedidos de autógrafos, o técnico José Poy segurou-o nos ombros:

— Meu filho... — murmurou com os olhos vermelhos.

E abraçaram-se chorando como duas crianças.

"NUM CANTO, DE ROUPA TROCADA, MURICY CHORAVA DESCONSOLADO. NO INTERVALO, ELE FORA PEDIR DESCULPAS A DICÁ. PASSARA O RESTO DO JOGO REZANDO"

17/8/75 MORUMBI (SÃO PAULO)

PORTUGUESA 1 X 0 SÃO PAULO

J: Dulcídio Vanderlei Boschillia; **R:** Cr$ 1 268 735; **P:** 57 137; **G:** Enéas 31 do 1º; **E:** Muricy; **Nos pênaltis:** São Paulo 3 x 0 Portuguesa

PORTUGUESA: Zecão, Cardoso, Mendes, Calegari e Santos; Badeco, Dicá e Antônio Carlos; Enéas, Tatá e Wilsinho. **T:** Oto Glória

SÃO PAULO: Waldir Peres, Nélson, Paranhos, Samuel e Gilberto; Chicão, Pedro Rocha e Terto; Muricy, Serginho e Zé Carlos (Silva). **T:** José Poy

A seu estilo, Serginho encara a marcação: nessa o gol não saiu

OS DOIS TIMES ESTAVAM sem seus artilheiros — Reinaldo suspenso por cartões, Serginho por agredir um bandeirinha. O Atlético era considerado favorito. Mas o São Paulo se superou para conquistar seu primeiro título nacional

CAMPEÃO!

Em campo, 12 leões comandados por Minelli

>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Dirão que foi uma decisão fria, feia, conseguida apenas na cobrança de pênaltis, com os erros de Cerezo, Márcio e Joãozinho Paulista.

Dirão que a história acaba de registrar uma das maiores zebras do futebol, uma fantástica aberração. Dirão que não é possível que um time como o São Paulo, cheio de problemas de contusão e suspensão de Serginho, pudesse chegar aonde chegou. Dirão que é terrível que um time como esse pudesse emudecer o Mineirão, lotado pela torcida mais alegre e fiel de todo o Brasil.

Dirão mil coisas. E daí? Por acaso não constava do regulamento do Campeonato Brasileiro que a decisão poderia ser feita com cobrança de pênaltis?

Mais ainda. Por acaso não fez o São Paulo, domingo à tarde, bem mais que o Galo, por merecer a faixa de campeão — que agora ostenta orgulhoso em seu suado peito? Não teria esse jogo feito do goleiro João Leite uma das grandes figuras em campo, fazendo defesas incríveis, marcando e se firmando como um dos melhores do Brasileiro? Por acaso não teria Márcio tirado de cima da linha de gol um chute preciso de Chicão?

Claro que sim. É certo que, nos cálculos feitos por todos, olhando para os pontos ganhos e até para o número de jogadores chamados para a Seleção Brasileira, tudo apontava o Atlético como feliz e tranqüilo vencedor. O São Paulo preparou-se com cuidado, armou-se para provar que qualquer guerra só pode ser anunciada como ganha depois de vencida a última batalha.

Conseguiu-os não só desprezando as qualidades do adversário e, ao contrário, tratando de anulá-las. Sabia que Cerezo, Ângelo e Marcelo são os seus principais jogadores — já que Reinaldo, assim como Serginho, estava de fora, suspensos pelo tribunal —, organizando quase todas as suas jogadas. Darío Pereyra grudou em Cerezo; Teodoro juntou-se a Ângelo; Chicão fez o mesmo com Marcelo; Peres — que entrou no lugar de Teodoro — não largou de Paulo Isidoro; o resto ficou por conta de Antenor, cada vez mais perto do lateral de que o São Paulo precisa; de Getúlio, anulando Ziza; de Tecão, numa de suas melhores partidas pelo São Paulo; e de Bezerra, que, agora, depois dessa campanha dispensa apresentações.

O ataque fez o que pôde, com Mirandinha, necessariamente, um pouco isolado; com Zé Sérgio dando trabalho a Valdemir e depois a Alves, com Viana surpreendendo pelo brio, e com Waldir Peres, um dos três melhores goleiros do Brasil. Sereno, preciso, presente nas horas mais difíceis, quando precisou fazer seus milagres, detalhes que acabaram empurrando o time mais pra frente, catimbando quando Márcio foi cobrar o último pênalti do Galo, chutando-o para fora.

Todos os elogios devem ser dirigidos ao técnico Minelli, mais uma vez muito feliz na escolha do esquema de jogo a ser colocado em prática, e aos jogadores que cumpriram fielmente, foram 13 leões de garras afiadas, merecendo todos os aplausos e toda a festa dedicada por sua torcida. Mas, entre todos eles, um especificamente precisa ser colocado um degrau acima daquele em que os outros se situaram. Falo, e todos os mineiros falaram por muito tempo após o jogo, de Chicão.

"TODOS OS ELOGIOS DEVEM SER DIRIGIDOS AO TÉCNICO MINELLI, MAIS UMA VEZ FELIZ NA ESCOLHA DO ESQUEMA DE JOGO, E AOS JOGADORES QUE CUMPRIRAM FIELMENTE ESSE ESQUEMA"

5/3/78 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
ATLÉTICO-MG 0 X 0 SÃO PAULO
J: Arnaldo César Coelho (RJ); **R:** Cr$ 6 857 080; **P:** 102 974; **CA:** Tecão, Ângelo, Serginho, Bezerra, Peres e Neca. **Nos pênaltis:** São Paulo 3 (Peres, Antenor e Bezerra; Getúlio e Chicão perderam) x 2 Atlético (Ziza e Alves; Cerezo, Joãozinho Paulista e Márcio perderam)
ATLÉTICO-MG: João Leite, Alves, Márcio, Vantuir e Valdemir; Cerezo e Ângelo; Serginho, Caio Cambalhota (Joãozinho Paulista), Marcelo (Paulo Isidoro) e Ziza. **T:** Barbatana
SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão e Teodoro (Peres); Zé Sérgio, Mirandinha, Darío Pereyra e Viana (Neca). **T:** Rubens Minelli

JOSÉ PINTO

Waldir Peres: em uma decisão por pênaltis, o herói só podia ser ele

O SÃO PAULO VOLTAVA A ERGUER A TAÇA ESTADUAL. PLACAR contava os bastidores da montagem do time são-paulino, que já ambicionava vôos internacionais

AO MUNDO, TRICOLOR

A euforia na noite da grande conquista, quando o 1 x 0 sobre o Santos foi muito pouco para o futebol mostrado pelo São Paulo, ficou só como uma amostra das alegrias que ainda virão. Promessa do presidente Galvão e de sua corajosa diretoria

>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Um grupo de jovens diretores do São Paulo vivia insistindo com o presidente Galvão que manter o time com jogadores medíocres, além de afastar a torcida dos estádios, dava prejuízo. Insistiram tanto que Galvão decidiu convidá-los para dirigir o departamento de futebol e montar o timaço que pediam. Avisou que o São Paulo não tinha dinheiro em caixa, mas lhes deu carta branca e um valioso conselho:

— Confiram todas as informações sobre jogadores; descubram sempre como os outros clubes andam de finanças e tratem honestamente a todos, dirigentes, técnicos e informantes.

Era o suficiente para Jaime Franco, diretor de futebol, e Fernando Casal de Rey, seu assessor, colocarem em execução os planos de montar um timaço. O São Paulo estava bem servido com Waldir Peres, Getúlio, Renato, Paulo César, Serginho e Zé Sérgio. Nei e Gassem quebrariam o galho por mais algum tempo, e Aírton e Darío Pereyra precisavam ser recuperados. As prioridades eram um volante, um meia-esquerda para lançar os dois pontas, e Oscar.

— Mesmo preso ao Cosmos, ele estava nos nossos planos — lembra Jaime Franco. — Não só pelo grande futebol que joga. Mas, principalmente, pelo homem que é. Todo grande time que o São Paulo teve começava com um grande zagueiro. E nós o queríamos para reviver Renganeschi, Mauro Ramos de Oliveira e Bellini.

A primeira investida foi sobre Aílton Lira, na esperança de que o Santos o negasse e oferecesse Pita. Como o Santos não entrou na armadilha, e Lira também servia, o negócio foi fechado por 6,9 milhões de cruzeiros — pagos com o dinheiro arrecadado na venda de Mílton e Müller para o México.

Lira não deu certo e surgiu o Al-Nasser, da Arábia Saudita, que salvou a situação — "A gente precisa contar com a sorte" — ao pagar 400 mil dólares (24 milhões de cruzeiros) por seu passe. A indicação foi de Formiga, técnico do Al Nasser, ex-técnico de Lira no Santos. Contratar Almir foi fácil. Moreira, goleiro do Coritiba, ex-juvenil do São Paulo, deu as informações e a troca saiu pelo dispensável Viana.

Nessa altura, o São Paulo tinha 10 milhões de cruzeiros em caixa. O saldo vinha das vendas de Chicão, Mug, Tadei, Muricy, Zequinha, Neca, Mílton, Müller, mais o empréstimo de muitos outros dispensáveis.

Só faltava Oscar, para completar a primeira parte dos planos. Um jornalista informou que ele não estava jogando no Cosmos e Jorge Sauma, passeando em Nova York, recebeu ordens para checar. Era verdade, e os contatos telefônicos começaram sob o maior sigilo. Galvão, inclusive, só ficou sabendo quando Jaime Franco já tinha um contrato de opção assinado por Rafael De La Sierra, vice-presidente do Cosmos.

— Ele quase chorou quando eu lhe disse que tinha acertado a compra do Oscar por 350 mil dólares. Nós estávamos usando bem a carta branca e seus conselhos.

Contratado Oscar, a conquista do título era importante, mas não decisiva para que os planos continuassem a ser executados. O futebol do São Paulo arrecadou 115 milhões de cruzeiros e o time também foi campeão de rendas (112 milhões de cruzeiros), prova de que sua torcida voltou aos estádios.

— Gastamos perto de 100 milhões, mas valeu a pena. Este time é apenas o início. Vamos fazer do São Paulo um time como foram o Honved, o Ajax e o Real Madrid. Vamos ganhar o mundo.

"JAIME FRANCO: 'GASTAMOS PERTO DE 100 MILHÕES, MAS VALEU A PENA. VAMOS FAZER DO SÃO PAULO UM TIME COMO FORAM O HONVED, O AJAX E O REAL MADRID. VAMOS GANHAR O MUNDO'"

19/11/80 MORUMBI (SÃO PAULO)

SÃO PAULO 1 X 0 SANTOS

J: Oscar Scolfaro; **R:** Cr$ 8 952 330; **P:** 61 130; **G:** Serginho 40 do 1º

SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Aírton; Almir, Heriberto e Renato (Alexandre Bueno); Paulo César, Serginho (Assis) e Zé Sérgio.
T: Carlos Alberto Silva

SANTOS: Marola, Nélson, Joãozinho, Neto e Washington; Toninho Vieira, Rubens Feijão (Claudinho) e Pita; Nílton Batata, Campos e João Paulo (Aluísio). **T:** Pepe

Oscar: contratado junto ao Cosmos para entrar na história tricolor

O REGULAMENTO FOI CAÓTICO, repleto de fases, turnos e repescagens. Mas no final os dois melhores times se enfrentaram. O primeiro jogo terminou 1 x 1. No segundo o São Paulo levou o bi

TU ÉS GRANDE, TU ÉS FORTE!

São Paulo bi: os 2 x 0 contra a Ponte valeram um título que ele tanto mereceu. Os versos do hino tricolor, cantados por toda a torcida, mostram a verdade do futebol paulista: ganhou quem era maior e mais forte, quem realmente tinha craques e estrelas

>> POR MARCO AURÉLIO BORBA

A ruidosa manifestação da torcida foi surpreendente até mesmo para os são-paulinos mais fanáticos, desacostumados a explosões tão espontaneamente delirantes. Assim, quando se viram sossegados, dirigentes e jogadores do São Paulo puderam avaliar melhor a importância do bicampeonato conquistado com a vitória de 2 x 0 sobre a Ponte Preta. Entre eufórico e emocionado, o dirigente Casal de Rey não soube o que dizer quando alguém afirmou que "a vitória do São Paulo salvou o futebol brasileiro".

Imediatamente, porém, todos entenderam as razões para a festa da torcida ter superado as expectativas: no momento em que a inépcia dos cartolas engendra fórmulas complicadíssimas e deficitárias para os campeonatos, afastando o público dos estádios, o São Paulo dá um raro exemplo de fé no futebol brasileiro, abrindo os cofres e investindo maciçamente num time de foras-de-série, daqueles jogadores que cultivam a paixão pelo futebol jogado com arte.

Por alguns momentos, durante este Campeonato Paulista, a própria diretoria chegou a duvidar da correção do caminho a que se lançara. Um fracasso significaria o reavivamento das legiões de cassandras, sempre prontas a dizer "Bem feito, quem mandou gastar tanto?" Indiferentes, os são-paulinos continuaram investindo. Zé Sérgio está sem condições? Lá se foi o São Paulo comprar Mário Sérgio. Ou seja: para substituir o melhor do Brasil, só mesmo outro melhor do Brasil. Essa foi a filosofia que levou de roldão não apenas a Ponte Preta, mas sobretudo a preguiçosa incompetência dos chamados clubes grandes.

É claro que o São Paulo correu riscos durante a disputa. O principal deles — e quase inevitável num time só de craques — foi o espectro do "já ganhamos". A grande vantagem do craque, porém, é que ele está sempre disposto a aprender.

O coração são-paulino teve vários nomes na decisão. Chamou-se Éverton no primeiro jogo, quando foi preciso meter a canela nas divididas, ainda que por causa disso tenha sido suspenso e assistido ao jogo de domingo das arquibancadas. Pulsou com garra no peito do menino Darío Pereyra. O coração tricolor foi Marinho Chagas, que esbanjou uma categoria mais amadurecida e solidária. Renato também foi um coração talentoso e bravo. Mais frio, Waldir Peres garantiu sob as traves o título que Mário Sérgio regeu no meio-campo, coadjuvado pelo dedicado Almir. Mas, sobretudo no domingo, o coração tricolor chamou-se principalmente Serginho, o herói que jogou no sacrifício, semicurado de uma contusão. Eu sei que joguei mal, mas artilheiro não tem que jogar bem. Tem é que fazer gols.

É, mas não precisava ser um golaço, aos 41 minutos do segundo tempo, dando um chapéu no goleiro Carlos e matando as ilusões da Ponte Preta. Quando o jogo acabou, o artilheiro foi o jogador mais festejado pelos torcedores. Coração plebeu, anunciava a sua festa: nem na pista do badalado Hippopotamus, como Darío Pereyra, nem bebendo Moët et Chandon em casa, como Marinho Chagas. Simplesmente tomando cerveja e sambando, na quadra da escola de samba Camisa Verde.

"POR ALGUNS MOMENTOS, A PRÓPRIA DIRETORIA CHEGOU A DUVIDAR DA CORREÇÃO DO CAMINHO. UM FRACASSO REAVIVARIA AS CASSANDRAS, PRONTAS A DIZER 'BEM FEITO, QUEM MANDOU GASTAR TANTO?'"

29/11/81 MORUMBI (SÃO PAULO)
SÃO PAULO 2 X O PONTE PRETA
J: Dulcídio Vanderlei Boschillia (SP); **R:** Cr$ 21 488 900; **P:** 63 841; **G:** Renato 37 do 1º; Serginho 41 do 2º; **CA:** Édson, Paulo César e Tatu
SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Gassem (Nei), Darío Pereyra e Marinho Chagas; Almir, Heriberto e Renato; Paulo César (Tatu), Serginho e Mário Sérgio. **T:** Formiga
PONTE PRETA: Carlos, Toninho Oliveira, Juninho, Nenê e Odirlei; Zé Mário, Marco Aurélio e Dicá; Édson (Abel), Chicão (Humberto) e Osvaldo. **T:** Jair Picerni

Darío Pereyra, enfim nos braços da torcida: ele tardou a convencer

O PALMEIRAS FOI MAL NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985, mas uma partida ficou marcada na história: o empate em quatro gols no Pacaembu, conseguido no último minuto e depois de Careca perder um pênalti

90 MINUTOS DE EMOÇÃO

Um jogão do começo ao fim: dois pênaltis perdidos, um golaço de Pita e o empate no último instante

A obra de Jorge Amado, a música da Sinfônica de Campinas e da família Caymmi, devidamente acompanhada por Caetano Veloso, um golaço de Pita e as emoções de um empate cheio de reviravoltas com o Palmeiras foram manifestações artísticas que Cilinho põe na mesma conta para concluir que passou um sábado maravilhoso. "O jogo São Paulo 4 x 4 Palmeiras foi algo comparável ao show em homenagem a Jorge Amado a que fui assistir após a partida", sintetizava o eclético técnico são-paulino já na manhã de domingo, um pouco antes de dar um passeio pela feira de antigüidades do Museu de Arte de São Paulo, ao lado de dona Cila, sua mulher.

Cilinho estava tranqüilo e satisfeito, bem diferente daquele que deixou o Pacaembu correndo, dando a entender que estava arrasado com a perda de um pênalti por Careca aos 43 minutos do segundo tempo e com o milagroso gol conseguido pelos palmeirenses aos 45. "Só saí rapidamente porque tinha de encontrar minha mulher para irmos ao show. Quanto ao pênalti, só perde quem cobra. Por isso é que esse tal de futebol carrega tanta emoção."

É claro que Cilinho queria a vitória, mas ele preferia lembrar a boa partida de seus garotos. "É precisa que se dê um pouco mais de cancha a eles. Basta ter paciência e esperar que se acostumem com a emoção dos grandes espetáculos."

Entre os jogadores, ainda no vestiário, nem todos entendiam como era possível ter cedido o empate no final. Oscar, que fez um gol e mandou uma bola na trave de Leão, não se conformava em ter levado 27 gols em 13 jogos. "Isso nunca aconteceu na minha carreira. E o azar neste sábado? Quando Careca correu para bater o pênalti, eu achei que o jogo estava liquidado."

Até a torcida do Palmeiras, que já havia começado a abandonar as arquibancadas quando o São Paulo fez 3 x 1 e voltou quando o time empatou, também perdeu a esperança. Foi embora de novo, para de novo voltar quando o Palmeiras chegou aos 4 x 4, logo em seguida ao pênalti perdido por Careca. Foi um empate que fez a alegria do diretor de futebol Aldo di Mauro, obrigado a ver o jogo das arquibancadas, pois está suspenso. Descendo para o vestiário, ela ainda parou para ver Careca bater o pênalti. Nem se emocionou quando a bola bateu no travessão. Mas quando o Palmeiras empatou, ele esqueceu a crise que se instalou em conseqüência das cinco derrotas seguidas e que culminaram com a saída de seu companheiro Walter Lopes da Silva. "Acompanho o Palmeiras há 44 anos e nunca vi tantas derrotas seguidas", confessava Aldo.

Mas os 4 x 4 acabaram sendo comemorados, pois o Palmeiras esteve sempre atrás no marcador. Por isso, animado, o lateral Ditinho, que fez o gol de empate no último minuto de jogo, garantiu: "Já que somos um time grande, nós mesmos temos de dar um jeito de sair dessa crise. E vamos sair."

O meia Mendonça também acha que novos ares soprarão no Parque Antártica, embora ninguém espere mais nada nesta Taça de Ouro: "A sorte está de volta. Eu mesmo tive sorte. Quando cobrei a falta no terceiro gol, a bola bateu na barreira e voltou ao meu pé. Para melhorar as coisas, a barreira ainda abriu."

O técnico Mário Travaglini ficou eufórico. "Foi um jogo histórico, que marcou a retomada do futebol-arte. Não houve uma única jogada desleal", vibrava. "Eu fui correndo para casa, louco para ver o teipe. Foi mesmo um show." Cilinho concordava com o técnico do Palmeiras. "Foi fora-de-série."

"O TÉCNICO MÁRIO TRAVAGLINI FICOU EUFÓRICO. 'FOI UM JOGO HISTÓRICO, QUE MARCOU A RETOMADA DO FUTEBOL-ARTE. NÃO HOUVE UMA ÚNICA JOGADA DESLEAL'"

16/3/85 PACAEMBU (SÃO PAULO)

SÃO PAULO 4 x 4 PALMEIRAS

J: Luís Carlos Antunes; **R:** Cr$ 107 016 000; **P:** 22 103; **G:** Pita 11, Jorginho 40 e Muller 45 do 1º; Careca (pênalti) 3, Mendonça 17 e 20, Oscar 28 e Ditinho 45 do 2º; **CA:** Fonseca, Ditinho, Rocha, Vágner e Leão

SÃO PAULO: Barbirotto, Éder Taino, Oscar, Fonseca e Nelsinho; Márcio Araújo, Silas (Vizolli) e Pita; Müller, Careca e Sídnei. **T:** Cilinho

PALMEIRAS: Leão, Ditinho, Maxwell, Vágner e Paulo Roberto; Rocha, Paulinho (Gilcimar) e Mendonça; Barbosa, Reinaldo (Hélio) e Jorginho. **T:** Mário Travaglini

SAULO MAZZONI

Careca faz São Paulo 3 x 1, de pênalti: depois viria muito mais

JÁ EM FIM DE CARREIRA, O REI DE ROMA teve uma passagem rápida e conturbada pelo Morumbi. Cilinho o poria no banco, mas teria que engoli-lo nas finais do Paulista

O REI ESTÁ JOGANDO

Paulo Roberto Falcão assume a camisa 5 do São Paulo e reconquista sua imagem de unanimidade nacional

>> POR JOSÉ ANTÔNIO RIBEIRO E MARCELO DUARTE

Uma vitória e um empate. No final da semana passada, o saldo dos primeiros 180 minutos de Falcão jogando pelo São Paulo demonstrava o justo resultado conseguido pelo astro em seu duplo retorno, ao Brasil e à bola. A vitória, alcançada na estréia amistosa de quinta-feira contra o Internacional de Porto Alegre por um magro 1 x 0, deixou gordos indícios do acerto do negócio. O clube paulista, que não investiu um tostão dos 7 bilhões de cruzeiros empregados pelo *pool* de empresas responsável pela contratação, começou a recolher seus dividendos: 650 milhões de cruzeiros de lucro pela partida, além de faturar em imagem até mesmo junto às torcidas rivais. Já o empate de 2 x 2, domingo contra a Internacional de Limeira, resultado do primeiro jogo de Falcão valendo pontos pelo Campeonato Paulista, reflete de forma igualmente cristalina o aspecto técnico de sua entrada no time, que ganhou em categoria, mas perdeu, pelo menos momentaneamente, em explosão.

De quinta-feira para domingo, contudo, já se notou um desembaraço maior em Falcão — no jogo de Limeira, errou apenas seis passes, somou seis belos lançamentos e 35 toques corretos. E além de tudo arriscou, num gramado escorregadio, participar do sistema de deslocações do São Paulo, atitude que havia compreensivelmente evitado na partida de estréia. Apenas um grupo restrito de pessoas sabe o drama íntimo que ele viveu na noite de quarta para quinta-feira da semana passada, quando a festa marcada para o Morumbi correu até o risco de não se realizar.

À noite, Falcão sentia crescentes dores na parte posterior da coxa direita. Segundo um membro do departamento médico do clube, poderia ser um estiramento muscular provocado pela tensão da estréia. Para o próprio Falcão, apenas uma dor muscular, mas muito intensa. "Sempre entrei em campo quando tinha as mínimas condições. Depois é que eu vou ver o que acontece, como o meu corpo reage", afirma. Essas e outras atitudes extremamente dedicadas de Falcão ao futebol talvez ajudem a explicar o fascínio que ele provoca em todas as torcidas de todo o país. Boa parte dos 48 mil torcedores que foram ao Morumbi, quinta-feira, eram torcedores que normalmente não engolem o São Paulo.

Depois da noite maldormida, foi com a elegância e a expressão impenetravelmente cortês de costume que Falcão se apresentou no Morumbi para a festa de estréia. No vestiário, já trocado, participou da roda de orações e esperou a hora de entrar no gramado, onde, por alguns momentos, sua elegância seria levemente arranhada. O mínimo que se pode dizer é que, no Brasil, ainda não acharam o tom certo para essas grandes festas futebolísticas. O cerimonial de entrada individual dos craques por uma passarela de torcedores, copiado do modelo norte-americano, foi soterrado pela instituição nacional dos repórteres volantes de rádio e TV. Uma nuvem deles caiu sobre Falcão quando o jogador surgiu do túnel, impedindo a visão do público presente ao Morumbi.

Rapidamente, uma representante da Torcida Uniformizada do São Paulo aproveitou-se de um momento de distração do jogador e enfiou-lhe na cabeça uma coroa de lantejoulas digna de uma escola de samba do segundo grupo paulistano. Quando Falcão viu que vinha mais — outro torcedor trazia um manto de cetim bordô e um cetro —, enfiou-se de volta na nuvem de repórteres, onde se refugiou da fantasia completa de novo rei de São Paulo. Esse reinado ele pretende mostrar em campo. "Vim para vencer, como na Itália."

"QUANDO FALCÃO VIU QUE OUTRO TORCEDOR TRAZIA UM MANTO DE CETIM BORDÔ E UM CETRO, ENFIOU-SE NA NUVEM DE REPÓRTERES, ONDE SE REFUGIOU DA FANTASIA DE NOVO REI DE SÃO PAULO"

26/9/85 MORUMBI (SÃO PAULO)

SÃO PAULO 1 X O INTERNACIONAL

J: José de Assis Aragão; **P:** 48 000; **G:** Mauro Galvão (contra) 3 do 1º tempo
SÃO PAULO: Gilmar, Zé Teodoro, Oscar, Márcio Araújo e Nelsinho; Falcão, Silas e Pita; Müller (Pianelli), Careca e Sídnei. **T:** Cilinho
INTERNACIONAL: Roberto Costa, Luís Carlos Winck, Aloísio, Pinga e Paulo Omar; Mauro Galvão, Ademir Alcântara e Rubén Paz; Tita, Paulo Santos (Kita) e Silvinho. **T:** Paulo César Carpegiani

Falcão em seu segundo jogo, contra a Inter de Limeira: empate

A PORTUGUESA CONQUISTOU O PRIMEIRO TURNO, o São Paulo o segundo. Foi o ano da consagração dos Menudos de Cilinho

FELIZ É O MORUMBI

Garra e categoria dão ao tricolor um título que só poderia ser dele e enlouquecem sua grande torcida

Sem camisa, desgarrado do delírio que se apossou do Morumbi após a vitória de 2 x 1 sobre a Portuguesa, o zagueiro Darío Pereyra comemorava intensamente o título paulista. Sentia um misto de euforia e raiva enquanto observava a invasão do gramado e a alegria da torcida nas arquibancadas: "Sempre disseram que o São Paulo não tem garra. Está aí a resposta." Darío nem se referia a seu próprio desempenho — como de hábito, desfilou categoria e raça. Ele falava da comovente aplicação do time em geral. E de Oscar e Falcão em particular.

Para Oscar, que mal conseguia se manter em pé ao final do jogo, Darío dirigia carinho e incentivo especiais. "Vamos lá, tchê. Vamos dar a volta olímpica, levantar a taça. Vamos festejar." Oscar bem que precisava. Acometido de uma repentina infecção intestinal na sexta-feira, o capitão sofreria um penoso tratamento à base de soro e, na manhã do domingo da decisão, ainda estava com 38,5 graus de febre. "Eu não agüentava mais nada quando acabou a partida. Mas nunca pensei que não ia dar", sustentava satisfeito já no vestiário.

E, se Oscar entrou em campo com 2 kg abaixo de seu peso, também o maestro Falcão mostrou generosa dose de sacrifício. Na mesma sexta-feira, sentiu o músculo retrofemural num dos treinos e esteve seriamente ameaçado de não atuar. A lesão foi devidamente escondida no Morumbi. No sábado à noite, Falcão precisou tomar uma infiltração no local. Durante o jogo, sentiu a virilha. "Ele teve de fazer gelo no intervalo e segurou o feixe muscular da coxa com duas tiras de crepe. Crepe italiano", informou o roupeiro Tião.

Falcão resistiu até 10 minutos antes do final do jogo. Quando saiu, já tinha a certeza da conquista do campeonato, seu décimo título como profissional. "Há momentos em que é preciso muita determinação", explicava já esticado no sofá da concentração, quando se lembrou de sua operação no joelho, realizada exatamente um ano antes (dia 21/12/1984, nos Estados Unidos). Mas os problemas que enfrentou em seu começo na equipe, quando teve que amargar a reserva, não foram esquecidos: "Foi uma luta pessoal. Eu agora me sinto feliz."

Feliz, da mesma forma estava o centroavante Careca, apesar de não ter marcado o prometido gol Boka Loka. "Não faz mal. Marco no jogo das faixas", garantia o centroavante, que foi expulso depois de ter tentado agredir o ponta Esquerdinha.

Mas, se alguém viveu um domingo de herói no Morumbi tomado por mais de 100 mil pessoas, esse foi Cilinho. Comandante do trabalho de renovação que desembocou no melhor futebol de todo o campeonato, Cilinho teve de segurar as lágrimas quando a Rádio Jovem Pan o colocou em linha direta com a mãe, dona Ester. Ouviu atento a recomendação de "fazer as coisas direito com Deus", pediu a bênção e só depois comemorou o primeiro título de sua carreira, ganho justamente pelo clube que lhe roubara a mesma chance em 1970, quando foi vice pela Ponte Preta.

"Resgatamos o futebol-arte", repetiu Cilinho a todo microfone, gravador ou caneta que lhe aparecesse pela frente. "Isso é o resultado de quem trabalha direito. É o fruto de 19 meses de união, responsabilidade e luta", garantia o treinador, cujo contrato, antes do jogo final, havia sido renovado até dezembro de 1986. Para ele, mais importante que os valores desse contrato é ter a liberdade de trabalhar como gosta.

"NO SÁBADO À NOITE, FALCÃO PRECISOU TOMAR UMA INFILTRAÇÃO. 'ELE SEGUROU O FEIXE MUSCULAR DA COXA COM DUAS TIRAS DE CREPE. CREPE ITALIANO', INFORMOU O ROUPEIRO TIÃO"

22/12/85 MORUMBI (SÃO PAULO)
PORTUGUESA 1 X 2 SÃO PAULO
J: José Carlos Gomes do Nascimento; **R:** Cr$ 1 549 130 000; **P:** 99 025; **G:** Sídnei 24 e Esquerdinha 32 do 1º; Müller 22 do 2º; **E:** Márcio Araújo, Albéris, Eduardo, Careca e Zé Teodoro
PORTUGUESA: Serginho, Luciano, Luís Pereira, Eduardo e Albéris; Célio, Toninho e Edu; Toquinho (Jorginho), Luís Müller e Esquerdinha. **T:** Jair Picerni
SÃO PAULO: Gilmar, Zé Teodoro, Oscar, Darío Pereyra e Nelsinho; Márcio Araújo, Silas (Pita) e Falcão (Freitas); Müller, Careca e Sídnei. **T:** Cilinho

Sídnei, um dos Menudos do São Paulo: vitória fácil na final

FOI UMA DAS FINAIS MAIS empolgantes da história do Campeonato Brasileiro. Depois de uma competição confusa, o São Paulo saiu do Brinco de Ouro com o título nos pênaltis

A MADRUGADA NASCE TRICOLOR

O São Paulo, campeão brasileiro, surgiu depois da meia-noite. E mostrou que, além de técnico, é muito valente

>> POR ARI BORGES, BETISE ASSUMPÇÃO, NELSON URT E TONICO DUARTE

Havia quase 40 mil torcedores com o coração aos pulos no Estádio Brinco de Ouro, em Campinas, na madrugada da quinta-feira. Aquele momento, porém, foi de silêncio e solidão para dois homens. Nos pés do zagueiro Wágner estava a possibilidade de levar o São Paulo a seu segundo Brasileiro. Nas mãos do goleiro Sérgio Néri, a chance de empurrar o Guarani para uma outra série decisiva de pênaltis. Wágner parte e chuta. A bola percorre 11 metros de angústia e pousa mansinho no canto direito de Sérgio Néri. O mundo explode tricolor.

Impossível analisá-la friamente. A começar pelo marcador: São Paulo e Guarani ficaram no empate de 3 x 3. Aos 9 minutos as luzes eletrônicas do Brinco de Ouro já registravam 1 x 1. E logo de cara, o tricolor levou um baita susto. O jogo ainda não tinha chegado a seu segundo minuto quando Zé Mário cruzou a meia altura. A bola bateu em Nelsinho, que marcou contra. Aos 9 minutos dessa batalha, porém, o lateral-esquerdo do São Paulo seria acometido por um estranho desejo. "Quis dar um beijo na testa daquele negrão", confessou, referindo-se a Bernardo, que empatara de cabeça.

Os times partem para a prorrogação e a 1 minuto Pita coloca o São Paulo em vantagem. O coração tricolor bate acelerado. Aos 7 minutos, Marco Antônio Boiadeiro deixa tudo igual outra vez. A adrenalina percorre as coronárias bugrinas.

Começa a segunda etapa da prorrogação com o músculo cardíaco entrando veloz na madrugada. Wágner, do São Paulo, falha e João Paulo faz Guarani 3 x 2. O zagueiro, que tempos atrás adotou uma criança abandonada, tem pensamentos terríveis. "Pronto, azarei o trabalho de um ano", imagina. Esse segundo de pesadelo é cortado pela voz firme de Gilmar: "Dá a bola para Careca que ele resolve!"

Abençoado conselho. Nelsinho já começara a rezar quando Wágner deu um chutão para a frente. Faltava pouco mais de um minuto de fé e esperança tricolor. Pita escora de cabeça e Careca vem com sede, enfiando-se pelo meio da defesa do Guarani. O camisa 9 é apenas uma perna esquerda forte e firme. Lá vai o genial Careca empatar o jogo em 3 x 3 e levar a final para uma decisão por pênaltis. "Se for preciso, que vendam o Morumbi e dêem dinheiro para este cara ficar", agradece Wágner, com lágrimas nos olhos.

Careca é o primeiro a bater o pênalti. Ingrata, ela vai se aninhar nos braços do goleiro Sérgio Néri. O que aconteceu? "Bati mal", reconhece o autor de 25 gols no campeonato. A madrugada avança no Brinco, e os pênaltis já foram batidos. Jogadores de menor técnica, como Rômulo, Fonseca e Wágner, chutaram e converteram. Convém, entretanto, voltar no tempo. Dois seres humanos extremamente sozinhos em meio a 40 mil pessoas se entreolham. O camisa 1 debocha do negro da 3. "Você vai entregar o ouro novamente", desdenha Sérgio Néri. Wágner não responde, apenas parte para a bola. Aqueles 11 metros de tensão vão mudar a história. E gol. Caprichos da bola. Wágner faz parte agora do panteão dos heróis do São Paulo. Wágner Basílio emerge da solidão e observa a madrugada vir com seu manto vermelho, branco e preto. O São Paulo é, enfim, o novo campeão do Brasil!

"SÃO PAULO E GUARANI FICARAM NO EMPATE DE 3 X 3. MAS, PARA QUE SE TENHA UMA IDÉIA, AOS 9 MINUTOS DE JOGO AS LUZES ELETRÔNICAS DO BRINCO DE OURO JÁ REGISTRAVAM 1 X 1"

25/2/87 BRINCO DE OURO (CAMPINAS)
GUARANI 3 X 3 SÃO PAULO

J: José de Assis Aragão (SP); **R:** Cz$ 4 222 000; **P:** 37 370; **G:** Nelsinho (contra) 2 e Ricardo Rocha (contra) 9 do 1º; **Prorrogação:** Pita 1 e Marco Antônio Boiadeiro 7 do 1º; João Paulo 5 e Careca 14 do 2º; **Nos pênaltis:** São Paulo 4 (Darío Pereyra, Rômulo, Fonseca e Wágner; Careca perdeu) x 3 Guarani (Tosin, Valdir Carioca e Evair; Marco Antônio Boiadeiro e João Paulo perderam); **CA:** Ricardo Rocha e Valdir Carioca; **E:** Vágner (Guarani)
GUARANI: Sérgio Néri, Marco Antônio, Ricardo Rocha, Valdir Carioca e Zé Mário; Tite (Vágner), Tosin e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. **T:** Carlos Gainete
SÃO PAULO: Gilmar, Fonseca, Wágner, Darío Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sídnei (Rômulo). **T:** Pepe

FOTOS: SÉRGIO BEREZOVSKY

Careca empata a final, um minuto antes do fim: alguém se lembra de um gol tão emocionante?

Bernardo cabeceia, a bola desvia em Riardo Rocha e entra: 1 x 1

O SÃO PAULO CONFIRMOU O TÍTULO DE CAMPEÃO DA DÉCADA. Depois de fazer a terceira melhor campanha na primeira fase, elminou o Palmeiras nas semifinais e o Corinthians na decisão

GLORIOSO TRICOLOR

O São Paulo bate o Corinthians nas finais, sagra-se campeão pela 15ª vez e mostra que é o time da década no futebol paulista

Domingo, 30 de agosto de 1987. As estatísticas apontarão que, jogando no Morumbi, o São Paulo sagrou-se campeão pela 15ª vez em sua história ao empatar com o Corinthians em 0 x 0. Registrarão ainda que, nesta década, o clube reina absoluto, contando quatro conquistas contra duas corintianas, uma do Santos e outra da Internacional. E também indicarão que foi a sexta vitória tricolor em 11 finais disputadas em seu estádio.

Infalíveis na precisão, as estatísticas não servem para contemplar a emoção. Jamais irão exibir a eletricidade que percorreu cada torcedor durante os 90 minutos. Muito menos a louca alegria que incendiou os jogadores do São Paulo assim que o juiz Dulcídio Vanderlei Boschillia apitou o final da partida. No frio cômputo dos números, aqueles heróis ensandecidos que riam, choravam e se abraçavam eram apenas os vencedores da competição. E ser campeão não é só isso.

"Para chegar ao título, você precisa ser mais forte do que pensa", ensinava um lúcido — e emocionado — Darío Pereyra. Insuperável no jogo aéreo e nas antecipações, mais uma vez foi o destemido guerreiro, transformando-o no coração do time. "Final é o seguinte: chegar e vencer", esclarecia do alto de seus agora quatro títulos paulistas e dois brasileiros. "Nesses clássicos, a técnica se equivale e ganha-se na raça. Desde menino, em Montevidéu, aprendi isso."

No domingo, antes do jogo, isolou-se num antigo ritual particular. "Fico nos cantos, mudo. Minha cabeça vira uma usina de imagens onde me vejo disputando bolas, fazendo faltas, gritando." Seu contrato vai até outubro, mas se comenta que antes disso ele poderá sair do São Paulo. "O São Paulo só não renova com esse homem se acontecer um loucura", esbravejava um torcedor alucinado, por acaso responsável por aquele eventual desvario, o presidente Carlos Miguel Aidar.

Ele já sabia que poderia perder também o futebol de Nelsinho para a Inglaterra. "Recebi convites do Arsenal e do Newcastle", confirmava o lateral.

Ao lado de Nelsinho, Pita tinha motivos especiais para festejar. Finalmente unanimidade aos 29 anos, cerebral e virtuose como de hábito, neste Campeonato Paulista ele extrapolou, derrubando a fama de apático que o marcava. "Foi o título mais importante da minha vida. Sei que posso decidir na técnica, mas às vezes isso não basta."

O técnico Cilinho tratava de elogiar sua equipe. Campeão depois de ter dirigido no mesmo certame a rebaixada Ponte Preta, o treinador repetia um discurso manjado.

"É a alegria do futebol. Futebol brasileiro é técnica." E então foi saborear champanhe Moët et Chandon e uísque escocês no Gallery.

Na animação da festa, Cilinho citava a abnegação de Müller como exemplo da raça tricolor. Desde a sexta-feira anterior ao segundo jogo contra o Palmeiras, ainda pelas semifinais, o atacante passara por um sofrido tratamento de seis horas diárias para superar uma tendinite aguda na virilha. À saída do campo, o herói ainda tinha forças para definir o momento. "Foi maravilhoso" — e chorava.

Enfim, são essas coisas que fazem as estatísticas parecerem incapazes de interpretar as razões de um time se transformar em campeão.

O São Paulo não venceu unicamente nos números. No ano que já se consagrara com o título brasileiro, confirmou com talento e muita garra a hegemonia paulista. Foi, em uma palavra, glorioso.

"PITA TINHA MOTIVOS ESPECIAIS PARA FESTEJAR. FINALMENTE UNANIMIDADE AOS 29 ANOS, CEREBRAL E VIRTUOSE COMO DE HÁBITO, ELE DERRUBOU A FAMA DE APÁTICO QUE O MARCAVA"

30/8/87 MORUMBI (SÃO PAULO)
SÃO PAULO 0 X 0 CORINTHIANS
J: Dulcídio Vanderlei Boschillia;
R: Cz$ 9 725 190; **P:** 109 474;
CA: Bernardo, Mauro, Eduardo e Jatobá
SÃO PAULO: Gilmar, Zé Teodoro, Adílson, Darío Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas e Pita; Müller, Lê (Paulo Martins) e Edivaldo (Neto). **T:** Cilinho
CORINTHIANS: Waldir Peres, Édson, Mauro, Jatobá e Dida; Biro-Biro, Eduardo (Marcos Roberto) e Éverton; Jorginho, Edmar e João Paulo. **T:** Formiga

NELSON COELHO

Pita, um dos heróis do título: a camisa já tinha ido para o espaço

O SÃO PAULO SE CONSAGROU como campeão da década de 80 em São Paulo ao derrotar o surpreendente São José: 1 x 0 no primeiro jogo e 0 x 0 no segundo, ambos no Morumbi

A SAGA DOS CAMPEÕES

Invejável rotina. O clube mais bem estruturado do futebol paulista levanta seu quinto título nesta década e comemora com a naturalidade dos que sabem ganhar porque sempre ganham

>> POR ÉDSON ROSSI, KÁTIA PERIN, MÁRIO SÉRGIO VENDITTI, MANOEL COELHO E MAURÍCIO PEINADO

"Parabéns", estendeu a mão polidamente o torcedor vestido de vermelho, preto e branco. "Obrigado", retribuiu o gesto o amigo. "No ano que vem a gente volta para buscar outra taça." Aparente frieza, domingo, depois do 0 x 0 com o São José e a conquista do campeonato é o escárnio maior dos são-paulinos sobre os adversários. Afinal, nada irritou mais a corintianos, palmeirenses ou santistas do que a forma natural, rotineira mesmo, como foi recebido o quinto título estadual do São Paulo destes anos 80. Uma faixa que, para desespero dos rivais — e êxtase interior de sua torcida —, eleva o tricolor ao time da década nos campos paulistas.

E foi dentro do gramado do Morumbi que não faltou vibração, quando o juiz José de Assis Aragão apitou o final da partida. Feito garotos desacostumados com as vitórias, o goleiro Gilmar, o ponta Edivaldo, o preparador físico Bebeto de Oliveira e o ex-presidente Miguel Aidar correram para abraçar o principal responsável pela conquista.

"Comecei a década conquistando o Campeonato Paulista pelo São Paulo e fecho os anos 80 com a mesma glória pelo mesmo clube", constatava Carlos Alberto Silva, que assumiu a equipe no início do segundo turno classificatório — casualmente, contra o próprio São José. Em exatos 78 dias, o treinador mudou a cabeça do grupo de jogadores. "Cilinho não estava mais conseguindo unir o pessoal", reconhece o zagueiro Adílson, que na final colocou de lado suas lembranças para superar seu time de infância.

Mas a regra no São Paulo campeão é a de distribuir os louros da vitória. E sobrou até para a providência divina. "Vencemos graças a Deus", jurava Tilico. "Deus nos ajudou nesse título", agradecia o lateral Nelsinho, o único presente em todas as cinco conquistas — como reserva nas duas primeiras. Até a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi tirada de seu altar, no saguão do vestiário, e levada para dentro do espaço reservado aos jogadores no final da partida. Era a hora da reza, comandada pelo próprio técnico, um católico fervoroso.

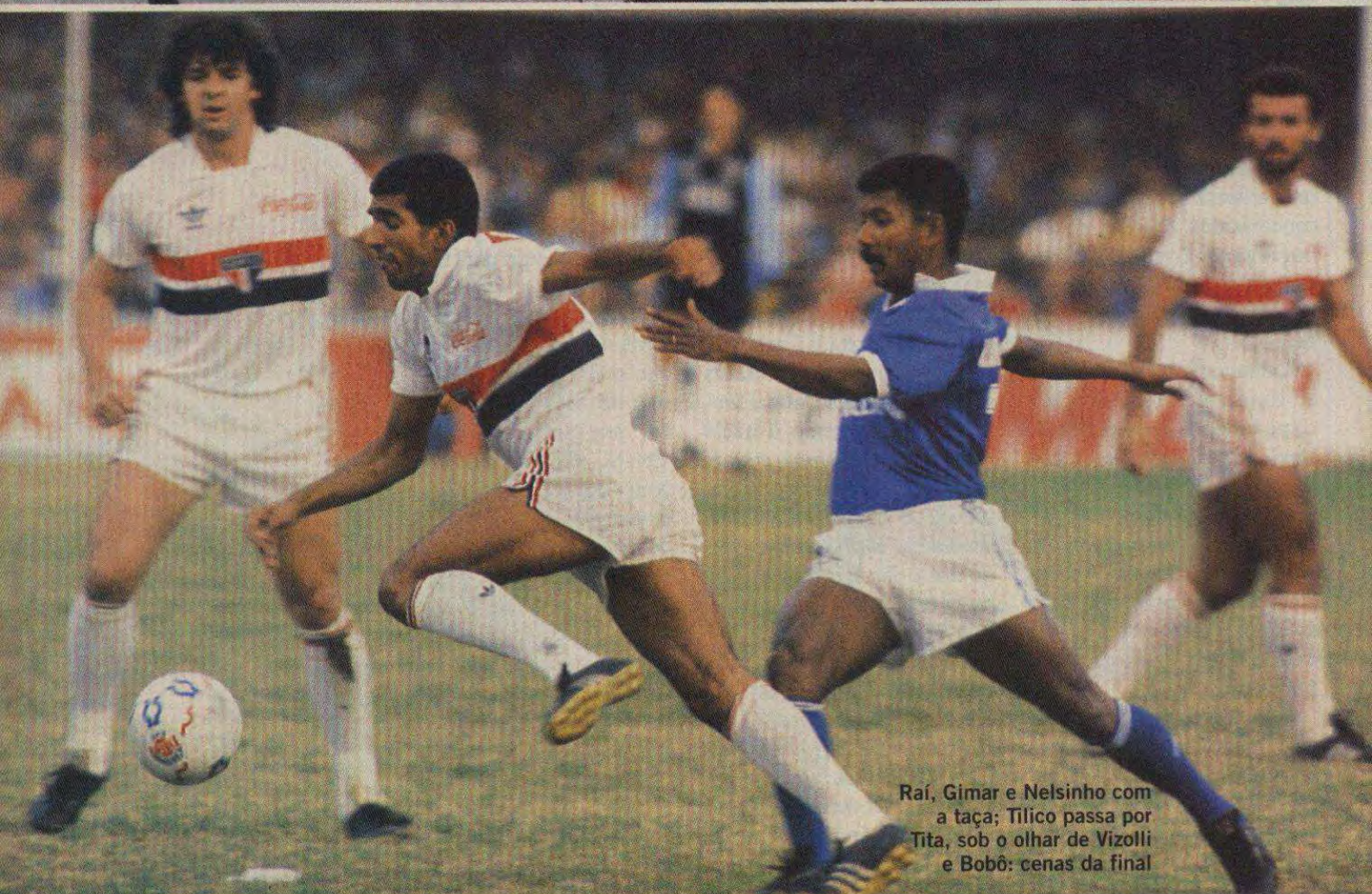
Como Deus só ajuda a quem cedo madruga, o tricolor trabalhou muito. O baiano Bobô, por exemplo, passou o sábado inteiro e o domingo, até a saída para o Morumbi, trancado no apartamento 618 do hotel onde a equipe se concentrava, fazendo um tratamento intensivo para desinflar seu joelho contundido. O São Paulo levou ultra-som, ondas curtas, tênsys, laser, neofases, bolsas de gelo e toda a parafernália de fisioterapia capaz de recuperar a tempo o ídolo.

Como Bobô, os torcedores são-paulinos já se habituaram a essa agradável sina vencedora. Os quase 100 mil que tomaram o Morumbi no domingo mostraram por que freqüentam o estádio somente nos momentos decisivos. Sabem que na hora final o que prevalece é a força de um clube estruturado — certamente, o traço divisor e determinante da supremacia tricolor na década. Desde a segunda-feira da semana passada, ficou concentrado num dos melhores hotéis cinco estrelas da capital paulista, onde a diária de apartamento duplo é de 700 cruzeiros. Mesmo assim, aos jogadores cabe apenas a responsabilidade de fazer todo o possível dentro de campo. Essa diferença fez o presidente Juvenal Juvêncio comentar, junto aos integrantes da comissão técnica, que "nós não queremos nada mais que os outros". Mas conseguem muito mais, deixou de completar.

"ATÉ A IMAGEM DE NOSSA SENHORA APARECIDA FOI TIRADA DE SEU ALTAR, NO SAGUÃO DO VESTIÁRIO, E LEVADA PARA DENTRO DO ESPAÇO RESERVADO AOS JOGADORES NO FINAL DA PARTIDA"

SILVIO PORTO

2/7/89 MORUMBI (SÃO PAULO)
SÃO JOSÉ 0 X 0 SÃO PAULO
J: José de Assis Aragão; **R:** NCz$ 530 160; **P:** 97 965; **CA:** Juninho, Ney e Delacir
SÃO JOSÉ: Luís Henrique, Marcelo, Juninho, André Luís e Joãozinho; Delacir, Fabiano (Wilson) e Vânder Luís; Donizetti (Henrique), Tôni e Tita. **T:** Ademir Mello
SÃO PAULO: Gilmar, Zé Teodoro, Adílson, Ricardo Rocha e Nelsinho; Vizolli, Bobô (Benê) e Raí; Mário Tilico, Ney (Bernardo) e Edivaldo. **T:** Carlos Alberto Silva

ORLANDO KISSNER

Raí, Gimar e Nelsinho com a taça; Tilico passa por Tita, sob o olhar de Vizolli e Bobô: cenas da final

O BRAGANTINO HAVIA SIDO campeão paulista com um técnico revelação — Wanderley Luxemburgo — e agora estava com Carlos Alberto Parreira. Mas o São Paulo, em sua terceira final consecutiva e com um esquadrão, não deixaria o título escapar

DOIS É BOM, TRÊS É DEMAIS!

O tricolor teve três chances seguidas para levantar o seu terceiro título nacional. Na última, não deixou que ele escapasse

O primeiro sinal de que, desta vez, o São Paulo entrava no Campeonato Brasileiro disposto a tudo para não morrer na praia como nos dois anos anteriores partiu do próprio Morumbi, e soava como uma ameaça aos demais times concorrentes. "Vamos chegar novamente. E vai ser para levar", avisava o goleiro Zetti, antes mesmo do início do campeonato.

Quando os adversários perceberam que nem ele nem seus companheiros estavam brincando, já era tarde. O São Paulo, que havia disputado as finais de 1989, contra o Vasco, e 1990, contra o Corinthians, chegava pela terceira vez seguida – um recorde na história do campeonato – à decisão do Brasileiro, agora contra o Bragantino.

"Nosso grande trunfo é justamente esse; chegar às finais todos os anos", valorizava o feito o volante Bernardo. Uma maneira inteligente de transformar em virtudes as derrotas nos anos anteriores. Ao contrário das outras vezes, porém, o tricolor não deixaria escapar esta terceira chance. Com Zé Teodoro e Ricardo Rocha reintegrados à equipe, mais Antônio Carlos mostrando um futebol amadurecido e Müller de volta ao futebol brasileiro, chegar à final foi até mais fácil que em 1989 e 1990.

Em parte, também, graças às jogadas arquitetadas pelo técnico Telê Santana e executadas com perfeição pelo lateral Leonardo. Nem mesmo o início capenga da campanha, com as derrotas consecutivas para Flamengo e Santos, abateu os tricolores. Todos sabiam que, no fim, o São Paulo chegaria lá outra vez.

À medida que a final se aproximava essa certeza passou a tomar conta também dos desesperados inimigos. O ex-são-paulino Bobô, por exemplo, ao ver seu Fluminense eliminado da decisão pelo valente Bragantino, não teve dúvidas em apontar um favorito. "O Braga é uma equipe arrumadinha, certinha, que joga um futebol moderno", elogiava. "Mas ainda aposto tudo no São Paulo."

O futuro lhe daria razão. No primeiro jogo, no Morumbi, o herói da noite foi Mário Tilico, que entrou no lugar de Elivélton para marcar o gol do título. Depois, bastaria um empate na casa do adversário para levar a taça, já que o Bragantino não abriu mão do direito de decidir tudo em seu campo, o Marcelo Stéfani, em Bragança. Isso fez com que apenas 12 492 pessoas pudessem assistir à decisão, o menor público até hoje em uma final de Campeonato Brasileiro. Só não foi o suficiente para tirar o 0 x 0 do marcador. A exemplo do que aconteceu na segunda partida contra o Atlético-MG, nas semifinais, era o que bastava ao São Paulo. Só que, agora, valia ainda mais: tinha o doce sabor de três títulos brasileiros.

"NEM MESMO O INÍCIO CAPENGA, COM DERROTAS SEGUIDAS, ABATEU OS TRICOLORES. TODOS SABIAM QUE, NO FIM, O SÃO PAULO CHEGARIA LÁ OUTRA VEZ"

9/6/91 M. STÉFANI (BRAGANÇA PAULISTA)
BRAGANTINO 0 X 0 SÃO PAULO
J: José Roberto Wright (SP);
R: Cr$ 64 650 000; **P:** 12 492;
CA: Zé Teodoro, Ricardo Rocha, Biro-Biro e João Santos
BRAGANTINO: Marcelo, Gil Baiano, Júnior, Nei e Biro-Biro; Mauro Silva, Ivair (Luís Müller), Alberto e João Santos (Franklin); Sílvio e Mazinho. **T:** Carlos Alberto Parreira
SÃO PAULO: Zetti, Zé Teodoro, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldo, Bernardo, Cafu e Raí; Macedo e Müller (Flávio). **T:** Telê Santana

NELSON COELHO

Zetti e Antônio Carlos com a taça: já estava mais do que na hora de levantá-la

DEPOIS DE UM 1990 DESASTROSO, em que o clube foi rebaixado para a segunda divisão paulista, o São Paulo deu a volta por cima, saindo do Grupo B para iniciar a maior fase de sua história

PRONTO PARA MAIS UMA DÉCADA

Com o comandante Raí em campo e Telê Santana no banco, o time dos anos 80 mostrou que tem tudo para dominar a década de 90

O apito final do juiz Ílton José da Costa, depois do empate em 0 x 0 contra o Corinthians, era a senha de que o meia Raí precisava. Braços erguidos, ele abandonou a festa com a torcida e partiu decidido para abraçar Telê Santana. "Campeão, campeão!", gritava para o técnico. Em pouco tempo, todos os jogadores são-paulinos envolveram o treinador em abraços, dedicando a conquista a ele. "Isso é melhor do que o próprio título", retribuía o técnico com os olhos lacrimejando.

O abraço comovido dado pelo meia em Telê era a expressão exata da alegria tricolor. Em função dos dois, a cidade se pintou de vermelho, preto e branco desde as primeiras horas da manhã do domingo. Por todos os cantos, só se viam bandeiras são-paulinas. Até a torcida corintiana, acostumada a dominar o Morumbi com seus gritos de guerra, se viu esmagada diante de uma surpreendente maioria tricolor.

E quem pensa que o tricolor alcançou êxito apenas por jogar no Grupo B, contra times mais fracos, está equivocado. O São Paulo só disputou esse grupo por não superar os mesmos adversários de 1991 na repescagem de 1990. E a média de gols do time de Telê na segunda fase, quando teve o Palmeiras como adversário, foi ainda melhor do que no resto do campeonato: 2,16 por partida.

Azar dos adversários por terem menosprezado os são-paulinos. "Disseram que estávamos na segundona e isso ajudou a unir o grupo como nunca", afirmava o zagueiro-central Antônio Carlos. A união era percebida desde os churrascos feitos pelo elenco até as horas de rezar, momentos antes dos jogos. Uma cerimônia que exigia um ritual: antes de cada partida, eram colocadas rosas vermelhas diante de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida.

A bem da verdade, porém, o tricolor não precisava disso. Afinal, contou com o melhor elenco do futebol de São Paulo. E, para desequilibrar, tinha Raí, um jogador que explodiu em 1991, voltou à Seleção Brasileira e se tornou artilheiro do campeonato, com 20 gols. Um craque apontado por Telê Santana como o melhor do Brasil e que garantiu o título marcando três vezes nos 3 x 0 do primeiro jogo final.

O planejamento, uma marca são-paulina, só esteve perto de falhar com o volante Sidney. Durante a semana que antecedeu a final, ele sentiu dores musculares e foi poupado de alguns treinos. Mas, depois do empate em 0 x 0 com o Corinthians, o jogador mostrava toda a sua alegria. "Ser campeão é a melhor coisa do mundo", dizia, eufórico.

No Morumbi, ganhar é um hábito que parece longe de acabar. Principalmente levando-se em conta a organização do clube, incomparavelmente superior à dos rivais. Ou que outra equipe seria capaz de se recuperar das perdas de Ricardo Rocha e Leonardo e ser campeã paulista no mesmo ano? Assim, o diretor de futebol Fernando Casal de Rey não tinha medo de falar sobre o futuro. "A casa está pronta e só falta colocar alguns móveis", comparava. Quando isso ocorrer, o time estará pronto para ser, como nos anos 80, o campeão da década de 90.

"A UNIÃO ERA PERCEBIDA ATÉ NA HORA DE REZAR. ANTES DE CADA PARTIDA, ERAM COLOCADAS ROSAS VERMELHAS DIANTE DE UMA IMAGEM DE NOSSA SENHORA APARECIDA, NO VESTIÁRIO"

15/12/91 MORUMBI (SÃO PAULO)
SÃO PAULO 0 X 0 CORINTHIANS
J: Ílton José da Costa; **R:** Cr$ 371 363 000; **P:** 106 142
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldão e Nelsinho; Sidney, Suélio e Raí; Müller, Macedo e Elivélton. **T:** Telê Santana
CORINTHIANS: Ronaldo, Giba, Marcelo Djian, Guinei e Jacenir; Jairo, Ezequiel (Carlinhos) e Wílson Mano; Marcelinho Paulista, Tupãzinho e Paulo Sérgio. **T:** Cilinho

DANIEL A. JR. / PULSAR

Nelsinho: mais uma taça fica no Morumbi

FINALMENTE O TÍTULO TÃO SONHADO no Morumbi era alcançado. A frustração de 1974 enfim podia ser esquecida e o clube podia rumar para o primeiro título mundial

A AMÉRICA AGORA É TRICOLOR

O time contagiou sua fleumática torcida com garra, força e técnica. E o São Paulo conquistou o continente

A cada disputa de bola, lá estava o pé de um jogador tricolor, entrando duro como se a mais simples jogada fosse decidir o jogo, o troféu, a vida. Por se tratar do São Paulo, um time tradicionalmente frio e de pura técnica, esse comportamento impressionava ainda mais. A vibração durou toda a campanha da Taça Libertadores da e culminou com o título conquistado na vitória por 3 x 2 nos pênaltis contra o Newell's Old Boys (1 x 0 no tempo normal).

Motivos para comemoração havia de sobra. Afinal, foram três meses de uma longa e desgastante campanha, que contou com o mais detalhado trabalho já realizado por um clube brasileiro para a disputa da Taça Libertadores. Da aclimatação à altitude da Bolívia, onde o São Paulo enfrentou San José e Bolívar na primeira fase da competição, até a espionagem dos adversários, feita pelo preparador de goleiros Valdir de Moraes, tudo foi previsto pela comissão técnica. Assim, nem a conhecida catimba dos adversários surtiu efeito. No Equador, onde o tricolor disputou a semifinal contra o Barcelona de Guayaquil, por exemplo, a delegação trocou o Hotel Ramada pelo Continental em todas as refeições. Tudo porque sabia que o rival costumava contaminar a comida dos adversários em competições internacionais.

"O time teve também mais vontade do que em outros campeonatos", reconhece o lateral Cafu, autor do último gol da decisão por pênaltis contra o Newell's Old Boys, que assegurou o título. Essa vontade ficou patente nas partidas contra o Nacional, do Uruguai. Primeiro, em pleno estádio Centenário, em Montevidéu: 1 x 0, gol de Elivélton. Depois, 2 x 0 no Morumbi.

Em Rosário, o Newell's só venceu o primeiro jogo decisivo graças a um gol de pênalti, convertido por Berizzo. Ali mesmo, no entanto, tiveram mais uma prova de que o São Paulo não tinha a passividade mostrada anteriormente pelos clubes brasileiros. Aos brados, o técnico Telê Santana jurava vingança. "Em São Paulo vocês vão ver", dizia, revoltado. Foi o que aconteceu no Morumbi. A cada disputa mais ríspida, os tricolores mostravam uma determinação impressionante, devolvendo na mesma moeda a violência dos argentinos. O zagueiro Antônio Carlos, por exemplo, agrediu o atacante Lunari, depois de ser atormentado durante todo o jogo. E não mostrou arrependimento. "Dei porrada mesmo, pois sabia que o juiz não iria me expulsar nunca", dizia após a conquista. Mesmo assim, o gol que aliviou os são-paulinos e levou a decisão para os pênaltis só veio aos 22 do segundo tempo, um minuto após a entrada em campo do amuleto Macedo. Ele próprio sofreu a penalidade que, convertida por Raí, assegurou a vitória por 1 x 0.

Depois foi só fazer valer a mística de não ser derrotado na disputa por pênaltis — já havia conquistado assim os Brasileiros de 1977 e 1986 e o Paulistão de 1975 — para conquistar seu primeiro título fora do âmbito estadual dentro do Morumbi. Uma vitória que mudou a história do mais vencedor clube brasileiro nos últimos dez anos. E, agora, o São Paulo não se contenta apenas com conquistas domésticas. É, mais do que nunca, um time internacional.

"EM ROSÁRIO, O NEWELL'S SÓ VENCEU O PRIMEIRO JOGO DECISIVO GRAÇAS A UM GOL DE PÊNALTI. AOS BRADOS, O TÉCNICO TELÊ SANTANA JURAVA VINGANÇA. 'EM SÃO PAULO VOCÊS VÃO VER', DIZIA, REVOLTADO"

17/6/92 MORUMBI (SÃO PAULO)

SÃO PAULO 1 X 0 NEWELL'S OLD BOYS

J: José Torres Cadena (Colômbia);
R: Cr$ 1 072 490 000; **P:** 105 185; **G:** Raí 22 do 2º; **CA:** Antônio Carlos, Pintado, Elivélton, Gamboa e Zamora

SÃO PAULO: Zetti; Cafu, Antônio Carlos, Ronaldão e Ivan; Adílson, Pintado e Raí; Palhinha, Müller (Macedo) e Elivélton. **T:** Telê Santana

NEWELL'S OLD BOYS: Scoponi; Saldaña, Gamboa, Pocchetino e Berizzo; Llop, Berti e Martino (Dornizi); Zanori, Lunari e Mendoza. **T:** Marcelo Bielsa

DANIEL AUGUSTO JR.

Antônio Carlos ergue a taça: a decepção de 1974 esquecida

O SÃO PAULO CHEGAVA À AMBIÇÃO mais alta de sua história. Graças à frieza de Telê Santana no banco e aos gols de Raí dentro de campo

NO TOPO DO MUNDO

A vitória em Tóquio põe o tricolor no ponto mais alto do futebol mundial e consagra uma geração

O relógio do Estádio Nacional de Tóquio marcava 12h02 quando o Barcelona deu a saída para a decisão do título mundial interclubes contra o São Paulo. A caminho do estádio Nacional de Tóquio, o ônibus são-paulino ia recebendo gritos de incentivo em cada esquina. *"Kudassai, kudassai* (boa sorte, boa sorte)", gritavam estudantes em seus sisudos uniformes azul-marinho e bandeiras tricolores nas mãos. Na chegada dos times ao estádio, enquanto o São Paulo era ovacionado com entusiasmo, o Barcelona só ganhou aplausos do comitê de recepção organizado pela Toyota.

Essa inequívoca escolha dos torcedores continuou ao longo da partida. Bastava o time espanhol pegar na bola para buzinas infernais soarem pelo estádio. Os brasileiros, ao contrário, eram aplaudidos. Mas foi o Barcelona que marcou primeiro, com Stoitchkov, logo aos 12 minutos. Até esse momento, os dois times apenas se estudavam. Em desvantagem, os são-paulinos passaram a praticar um futebol mais agressivo. Aos 17, Raí enfiou a bola entre as pernas de Bakero e cruzou forte e rasteiro. Palhinha, livre na marca do pênalti, não conseguiu dominar e perdeu a chance. Zubizarreta continuou a trabalhar, como num chute traiçoeiro de Ronaldo Luís. Com muito esforço o goleiro espanhol botou para escanteio.

O empate era uma questão de tempo e calma. Finalmente, aos 27, Müller escapou pela esquerda, deu um drible espetacular em Ferrer e cruzou a meia-altura. Raí, de barriga, completou para as redes.

O Barcelona não alterou sua maneira de jogar. Tocava a bola diabolicamente, tentando atrair o São Paulo. O time brasileiro, porém, não caiu na armadilha. Plantado em seu campo, contragolpeava sempre com perigo, principalmente com Muller. Aos 34, o atacante entrou por trás da defesa espanhola e encobriu Zubizarreta, mas Ferrer salvou em cima da linha. A resposta do Barça veio aos 45. Beguiristain driblou Vítor, Adílson e Zetti e tocou para o gol aberto. O lateral Ronaldo Luís salvou também em cima da linha.

Era um jogo de gigantes. De dois times conscientes, técnicos, procurando pacientemente o momento certo de decidir o título. "A qualidade do São Paulo está em seu conjunto, mas há jogadores, como Raí, que podem decidir uma partida", dizia o líbero Ronald Koeman ao desembarcar em Tóquio dias antes. Foi uma frase profética. Aos 34 do segundo tempo, cobrando com perfeição uma falta a dois metros da grande área, Raí colocava o São Paulo em vantagem. Não tinha mais jeito. E bastou o juiz argentino Juan Carlos Lostau decretar o fim da partida, para dezenas de torcedores e japoneses de rostos pintados de preto, vermelho e branco invadirem o gramado. O rígido esquema de segurança do campo ia para o espaço e os organizadores, atônitos, assistiam a um legítimo carnaval à brasileira no gramado.

A festa continuou no vestiário, percorreu as ruas de Tóquio junto com o ônibus do São Paulo e chegou à temperatura máxima na manhã da terça-feira, 15, quando os novos donos do mundo desembarcaram no Aeroporto Internacional de Cumbica. A partir das 3h da manhã chegaram os primeiros torcedores da Falange Tricolor e, quando o avião aterrissou, às 7, o saguão já estava superlotado por cerca de 5 mil são-paulinos. Bastou surgir a taça para a festa ganhar ares de alegre loucura. O elenco passou, então, a cantar o hino do clube entusiasticamente. Embriagados de emoção e repetindo os gritos de guerra da torcida, os jogadores provaram que o São Paulo é um clube diferenciado. E o melhor time do planeta.

"NA CHEGADA DOS TIMES AO ESTÁDIO, ENQUANTO O SÃO PAULO ERA OVACIONADO COM ENTUSIASMO, O BARCELONA SÓ GANHOU APLAUSOS DO COMITÊ DE RECEPÇÃO DA TOYOTA"

13/12/92 NACIONAL OLÍMPICO (TÓQUIO)
SÃO PAULO 2 X 1 BARCELONA
J: Juan Carlos Lostau (Argentina); **G:** Stoitchkov 12 e Raí 27 do 1º; Raí 34 do 2º;
CA: Ronaldo, Toninho Cerezo, Beguiristain e Goicoechea
SÃO PAULO: Zetti, Vítor, Adílson, Ronaldão e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho) e Raí; Cafu, Müller e Palhinha.
T: Telê Santana
BARCELONA: Zubizarreta, Koeman, Ferrer e Eusébio; Amor, Bakero (Goicoechea), Guardiola e Witsche; Michael Laudrup, Stoichkov e Beguiristain (Nadal).
T: Johan Cruijff

FOTOS: RICARDO CORRÊA

Os jogadores do São Paulo: enfim onde o clube sempre sonhou estar

Gol de Raí: a hora da festa estava chegando

ENTRE AS DUAS PARTIDAS DECISIVAS DO PAULISTA, o São Paulo conquistou seu primeiro Mundial. Nem isso atrapalhou a vitória sobre um Palmeiras já fortalecido pela parceria com a Parmalat

O ANO DA ETERNIDADE

Com um futebol bonito e eficiente, os são-paulinos ganham a terceira taça do ano e entram para a posteridade

Sentado à margem do campo, com o olhar fixo em direção a seus jogadores, o técnico Telê Santana era a exata imagem da felicidade. Um sorriso largo dominava seu rosto, habitualmente carrancudo, e um brilho raro iluminava seus olhos. Dessa vez, Telê não estava encantado apenas pelo futebol-arte praticado pelo São Paulo desde a estréia no Paulistão, em julho, contra o Juventus. No gramado, minutos antes do término da decisão com o Palmeiras, o treinador via muito mais. Via uma equipe unida e determinada, que confirmava o bicampeonato paulista (o terceiro título da temporada, depois da Taça Libertadores e do Mundial) e eternizava cada um dos nomes tricolores.

"Ele só nos agradecia, o tempo inteiro", dizia surpreso o lateral Ronaldo Luís, sobre o comportamento do técnico após os 2 x 1 contra o alviverde. Telê, como toda a torcida tricolor, tinha motivos de sobra para isso. Afinal, os jogadores superaram uma incrível maratona de 24 horas de vôo entre Tóquio e São Paulo, enfrentando na chegada quatro horas de desfile sobre um carro de bombeiros pelas ruas paulistanas e, se não bastasse, uma semana de comemorações que atrapalharam os treinamentos. Quando entraram em campo para decidir o Paulistão, no entanto, os atletas disputavam cada lance como se estivessem atrás do primeiro título de suas vidas.

Mas quem acompanhou o trabalho durante a temporada teve nessa atitude apenas mais uma prova de que o São Paulo é um time diferenciado. Razões para pensar assim existiram também dentro de campo. No primeiro tempo da final contra o Palmeiras, cada uma das equipes atacou nove vezes e errou 29 passes. Tudo rigorosamente igual, não fosse uma bola roubada por Palhinha, aproveitando uma falha de Mazinho, e a genialidade de Müller, que tocou com decisão diabólica a bola no canto esquerdo do goleiro César. A diferença apareceu no marcador: São Paulo 1 x 0.

Foi Pintado também quem comandou a defesa, ao lado de Ronaldo, e a tornou a segunda menos vazada do campeonato, com 29 gols e média de 0,85 (a Portuguesa tomou um gol a menos, mas sua média foi de 0,87). Aliás. o tricolor foi superior em tudo. Teve o ataque mais positivo, com 63 gols, aplicou a maior goleada (6 x 0 no Noroeste) e praticou o futebol mais prático e objetivo. Cada nova vitória deixava mais e mais claro que o São Paulo faria o Campeonato Paulista de 1992 ser eternamente lembrado pelos amantes do bom futebol como o título conquistado por um time histórico.

Era isso também o que percebia Telê Santana quando, pouco antes do apito final de José Aparecido de Oliveira, levantou-se e caminhou sem tirar os olhos do espetáculo que seus jogadores promoviam: "Jogamos futebol como deve ser jogado. E mostramos como vencer um campeonato." Assim, provou ser o mais vitorioso técnico do Brasil (é o único na história a conquistar os títulos paulista, carioca, mineiro, gaúcho, brasileiro, sul-americano e mundial). E mais uma vez não deixou dúvidas: o São Paulo hoje está muito à frente dos adversários.

"TELÊ PROVOU SER O MAIS VITORIOSO TÉCNICO DO BRASIL: É O ÚNICO NA HISTÓRIA A CONQUISTAR OS TÍTULOS PAULISTA, CARIOCA, MINEIRO, GAÚCHO, BRASILEIRO, SUL-AMERICANO E MUNDIAL"

20/12/92 MORUMBI (SÃO PAULO)
SÃO PAULO 2 X 1 PALMEIRAS
J: José Aparecido de Oliveira;
R: Cr$ 5 218 880 000; **P:** 110 887;
G: Muller 24 do 1º; Toninho Cerezo 14 e Zinho 45 do 2º. **CA:** Toninho, Cuca, Jean Carlo, Evair, Müller e Dida
SÃO PAULO: Zetti; Vítor (Válber), Adílson, Ronaldão e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Cafu e Raí; Palhinha e Müller. **T:** Telê Santana
PALMEIRAS: César; Mazinho, Toninho, Edinho Baiano e Dida; César Sampaio, Daniel (Maurílio), Cuca (Carlinhos) e Jean Carlos; Evair e Zinho. **T:** Otacílio Gonçalves

SILVIO PORTO

Cafu passa por dois adversários:
símbolo do predomínio tricolor

O SEGUNDO TÍTULO SUL-AMERICANO veio no mesmo estádio em que o São Paulo perdera sua primeira decisão de Libertadores, em 1974. Desta vez, nem a derrota por 2 x 0 impediu a festa

DO CAMPO PARA A HISTÓRIA

Pela segunda vez consecutiva, Raí e companhia assombram a América e, com um futebol genial, fazem do tricolor o primeiro brasileiro bi da Libertadores depois do Santos de Pelé

Bastou o juiz paraguaio Juan Escobar apitar o final do último jogo entre Universidad Católica e São Paulo, no Estádio Nacional de Santiago, para cada craque tricolor soltar a emoção, sem se importar com a vitória chilena por 2 x 0. Afinal, depois da goleada de 5 x 1 na primeira partida da decisão, no Morumbi, o time são-paulino deixaria de se sagrar bicampeão da Libertadores da América se tivesse perdido por mais de três gols de diferença. E havia outros motivos para tanta alegria: com o troféu nas mãos do capitão Raí, o São Paulo igualou os feitos do grande Santos na Libertadores, tornando-se o segundo clube brasileiro a conquistar o bicampeonato continental.

"Mais do que nunca estamos na história do futebol", alegrava-se o lateral-esquerdo Ronaldo Luís, o único desfalque em Santiago por ter se machucado no jogo anterior contra o Universidad Católica. A prova de que o camisa 6 estava certo se deu ainda na primeira partida das finais. Antes daqueles sonoros 5 x 1 do Morumbi, nunca uma equipe conseguira um marcador tão dilatado na decisão do torneio. Anteriormente, porém, a essa goleada os comandados de Telê já haviam demonstrado que, a exemplo de 1992, eram o melhor time do continente.

Os primeiros sinais disso vieram nas oitavas-de-final, quando o tricolor enfrentou o Newell's Old Boys. O rival argentino, que queria vingança da derrota sofrida na final do ano passado, chegou até a assustar. Venceu em Rosário por 2 x 0 e obrigou o São Paulo a precisar ganhar por dois gols de diferença no Morumbi.

No Brasil, no entanto, não teve nenhuma chance. Foi um show, principalmente de Raí, que comandou a goleada por 4 x 0 e ainda marcou dois gols — os outros foram de Dinho e Cafu.

Para seguir em sua caminhada, o São Paulo necessitava despachar o Flamengo. Começou dando um baile no Maracanã, embora não tenha passado de um empate em 1 x 1, por conta das inúmeras chances de gol desperdiçadas. Em São Paulo, no entanto, nem a violência do rubro-negro Júnior Baiano impediu a vitória por 2 x 0 e a classificação para as semifinais. "Nos entendemos tão bem que não precisamos nem olhar para tabelar", orgulhava-se o atacante Müller, que marcou o primeiro gol depois de receber um lançamento perfeito de Palhinha.

Tamanho entrosamento só não evitou um susto nas semifinais, quando o tricolor tirou o Cerro Porteño do caminho com um magro 1 x 0 e um empate em 0 x 0 em Assunção. Com a vaga garantida na decisão, havia ainda uma motivação extra: dar a Raí seu último título com a camisa são-paulina. Quem pagou por isso foi o pobre Universidad Católica, que assistiu passivamente a um festival de bom futebol e gols magníficos de Vítor, Gilmar, Müller e do próprio Raí — o zagueiro chileno López abriu a goleada fazendo contra. "Mas o Universidad foi o nosso mais difícil adversário", dizia o técnico Telê Santana. Nem os torcedores em Santiago, no entanto, conseguiam acreditar na afirmação do treinador do São Paulo.

Agora, o São Paulo já sonha com o bicampeonato em Tóquio, onde decidirá o Mundial Interclubes dia 12 de dezembro. Tudo para outra vez tentar igualar os títulos do Santos de Pelé. E reforçar um pouco mais seu nome na história do futebol internacional.

"COM A VAGA GARANTIDA NA DECISÃO, HAVIA AINDA UMA MOTIVAÇÃO EXTRA: DAR A RAÍ SEU ÚLTIMO TÍTULO COM A CAMISA SÃO-PAULINA"

26/5/93 NACIONAL (SANTIAGO)
UNIVERSIDAD CATÓLICA 2 X 0 SÃO PAULO
J: Juan Escobar (Paraguai); **P:** 40 000; **G:** Lunari 9, Almada (pênalti) 15 do 1º
UNIVERSIDAD CATÓLICA: Wirth, Romero, Vázquez, Contreras (Cardozo) e Tupper (Reinoso); Parraguez, Lepe, Lunari e Pérez; Almada e Barrera. **T:** Ignacio Prieto
SÃO PAULO: Zetti, Vítor (Toninho Cerezo), Válber, Gilmar e Marcos Adriano; Dinho, Pintado, Cafu e Raí; Palhinha e Müller. **T:** Telê Santana

NELSON COELHO

Cafu disputa a bola pelo alto: apesar da derrota, bicampeão

FOI O ANO ENCANTADO DO SÃO PAULO. Além do bicampeonato sul-americano e mundial, viria de brinde uma emocionante conquista da outra copa sul-americana, um feito inédito

COM A AMÉRICA A SEUS PÉS

Até parecia que o time não ganhava nada havia anos, tamanha a alegria da torcida e dos jogadores. Mas a razão de tanta euforia era uma só: com esse novo título, o tricolor confirmava ser o bicho-papão do continente

O gol de Müller, que definiu a vitória são—paulina na decisão por pênaltis contra o Flamengo, foi a senha para o início da festa tricolor. Tão logo a bola tocou as redes de Gilmar, uma multidão desceu das gerais do Morumbi e invadiu o gramado, lembrando a primeira conquista da Taça Libertadores, em 1992. Os jogadores, maiores heróis da campanha, compartilhavam a euforia e, com expressões de pura felicidade, levantavam a taça em um palanque improvisado dentro do gramado, enquanto a torcida cantava: "Eu sou São Paulo de coração/ Eu sou do clube que é sempre campeão!"

Quem assistia às cenas registradas na noite de 24 de novembro tinha a impressão de que aquela era a primeira conquista tricolor depois de anos. Ao contrário, aquele era o oitavo título do clube desde 1991. No entanto, foi uma das conquistas em que mais a alegria são-paulina se evidenciou. "O motivo de tanta euforia é que adoramos o São Paulo. Eu, por exemplo, sou apaixonado pelo clube", declarava o meia Leonardo, artilheiro da equipe na campanha com dois gols, ao lado de Juninho e Valdeir.

Havia, é verdade, dois bons motivos para tanta alegria. Primeiro: as dificuldades para remontar a equipe depois da saída de Raí foram vencidas com a formação que chegou ao título, com Dinho e Doriva na cabeça-de-área, Toninho Cerezo e Leonardo nas meias e Palhinha ocupando uma função mais ofensiva. "Conseguimos substituir as peças que deixaram o elenco porque temos um bom padrão de jogo", resumia o técnico Telê Santana. Segundo motivo: Juninho, um craque que, aos 20 anos, já é um dos grandes ídolos da torcida por suas entradas sempre decisivas no segundo tempo. Essa história repetiu-se também na decisão contra o Flamengo.

Depois de descer para o intervalo perdendo por 1 x 0 e levar ainda uma bola na trave, em uma cabeçada do zagueiro Rogério, Telê optou pela entrada de Juninho no lugar de Toninho Cerezo. Foi o suficiente para modificar o ânimo do time, virar o marcador e só sofrer o empate por um descuido da defesa. Na decisão por pênaltis ficou fácil. "Estamos perfeitos nas cobranças e é muito difícil perdermos nessas circunstâncias", testemunhava o zagueiro Ronaldo, depois da vitória por 5 x 3 nas penalidades. Nos vestiários, até o pacato Toninho Cerezo, já de roupa trocada depois de ser substituído no intervalo, entrou no tradicional banho de champanhe. Tudo para comemorar a nova conquista do São Paulo e não perder o hábito.

"DEPOIS DE DESCER PARA O INTERVALO PERDENDO POR 1 X 0 E LEVAR AINDA UMA BOLA NA TRAVE, EM UMA CABEÇADA DO ZAGUEIRO ROGÉRIO, TELÊ OPTOU PELA ENTRADA DE JUNINHO NO LUGAR DE TONINHO CEREZO"

24/11/93 MORUMBI (SÃO PAULO)
SÃO PAULO 2 X 2 FLAMENGO
J: Renato Marsiglia (RS); **R:** Cr$ 72 508 500; **P:** 65 355; **G:** Renato Gaúcho 9 do 1º; Leonardo 16, Juninho Paulista 34 e Marquinhos 36 do 2º; **CA:** Renato Gaúcho, Nélio, Marquinhos, Casagrande, Juninho Paulista e Cafu; **Nos pênaltis:** São Paulo 5 x 3 Flamengo
SÃO PAULO: Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão e André Luiz; Dinho, Doriva, Toninho Cerezo (Juninho Paulista) e Leonardo; Palhinha (Guilherme) e Müller. **T:** Telê Santana
FLAMENGO: Gilmar; Charles Guerreiro, Gélson Baresi, Rogério e Marcos Adriano; Fabinho, Marquinhos, Marcelinho Carioca e Nélio; Renato Gaúcho (Éder Lopes) e Casagrande (Magno). **T:** Júnior

Cafu festeja um dos gols do São Paulo: vitória viria nos pênaltis

SÓ OS SÃO-PAULINOS ACREDITAVAM NO PRÓPRIO TIME, apesar do título do ano anterior. O adversário era o Milan, considerado o melhor time do mundo. Um jogo inesquecível

O DONO DO MUNDO

Como o Barça, também o Milan não resistiu ao talento tricolor, que provou pela segunda vez consecutiva em Tóquio que a Terra é dele e de mais ninguém

>> POR WALTERSON SARDENBERG SOBRINHO

Quando o francês Joël Quiniou apitou o final da partida contra o Milan, o capitão Ronaldo chutou a moderação para o alto e desabafou: "No ano passado, o supertime era o Barcelona, mas viemos a Tóquio e ganhamos deles. Este ano, o supertime era o Milan. E também vencemos. Então eu pergunto: se eles são supertimes, o que é o São Paulo, afinal? Gostaria que me respondessem."

O zagueiro tricolor tinha razão de sobra para ser irônico. Pela segunda vez consecutiva, o São Paulo chegou a Tóquio para disputar a Toyota Cup como azarão aos olhos da imprensa internacional. E pela segunda vez consecutiva o time do técnico Telê Santana despachou o adversário, sem deixar qualquer dúvida sobre qual era o melhor time.

Müller acabou fazendo um gol de letra — de uma letra psicografada. O São Paulo devorador de títulos é agora bicampeão do planeta. Na garra, nos contra-ataques letais e — por que não? — também com alguma sorte.

Depois de 94 partidas em apenas 12 meses, o São Paulo topou com um páreo duríssimo. Espectadores dos 161 países para os quais o jogaço foi transmitido viram pela TV um Milan poderoso. De fato, a equipe italiana assimilou bem o golpe do gol de Palhinha, aos 19 do primeiro tempo (num centro generoso de Cafu), e partiu para o ataque. Só conseguiu empatar aos 3 do segundo, através de Massaro, quando dominava o jogo.

Onze minutos depois, porém, Leonardo, num lance de rapidez e categoria, safou-se do lateral Panucci e cruzou para Cerezo colocar o São Paulo novamente na frente.

O Milan mais uma vez não se entregou. Numa cabeçada de Papin, aos 36, chegou a novo empate. A prorrogação parecia ser, então, o capítulo seguinte da Toyota Cup. Mas não. O bendito calcanhar de Müller, aos 41, decretou que aquele capítulo da história tricolor teria um final feliz. E, com ele, surgiam respostas para a pergunta levantada no desabafo do zagueiro Ronaldão. O que é o São Paulo, afinal? "Um time que equilibra talento e aplicação tática na mesma proporção", respondia Zico, que foi ao estádio abraçar os são-paulinos. "Uma equipe que sabe jogar à italiana, com muita marcação", admitia Capello, o técnico perdedor.

Acima de tudo isso, o São Paulo de hoje é um supertime capaz de vencer quatro grandes torneios internacionais no mesmo ano (Libertadores, Recopa, Supercopa e Mundial Interclubes) e de detonar adversários sem se preocupar com a cor da camisa, a conta bancária ou o tamanho de sua fama. Uma superequipe para a história, a única do país do futebol a igualar-se em títulos mundiais ao Santos de Pelé. Muito justo, portanto, que o tricolor tenha agora o mundo aos seus pés.

"UMA SUPEREQUIPE PARA A HISTÓRIA, A ÚNICA DO PAÍS DO FUTEBOL A IGUALAR-SE EM TÍTULOS MUNDIAIS AO SANTOS DE PELÉ (POR COINCIDÊNCIA, BI MUNDIAL CONTRA O MESMO MILAN HÁ 30 ANOS)"

12/12/93 NACIONAL (TÓQUIO)
SÃO PAULO 3 X 2 MILAN
J: Joël Quiniou (França); **P:** 52 275;
G: Palhinha 19 do 1º; Massaro 3, Toninho Cerezo 14, Papin 36 e Muller 41 do 2º;
CA: Toninho Cerezo, Papin e Ronaldo
SÃO PAULO: Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão e André Luiz; Doriva, Dinho, Toninho Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha (Juninho).
T: Telê Santana
MILAN: Rossi; Panucci, Costacurta, Baresi e Maldini; Albertini (Orlando), Desailly, Donadoni e Massaro; Papin e Raducioiu (Tassoti). **T:** Fabio Capello

NICO ESTEVES

Müller tira um sarro de Costacurta:
"Agora quem é o palhaço?"

O CORINTHIANS VENCEU O PRIMEIRO JOGO. O jeito foi apelar, inscrevendo às pressas Raí, que acabara de chegar de Paris. O ídolo não fugiu à responsabilidade: decidiu o título

O PENETRA FEZ A FESTA

Convidado de última hora, Raí chega apenas para a final contra o Corinthians e comanda o São Paulo na conquista do "maior campeonato do mundo"

A pergunta foi seca, direta: "Raí, você quer jogar?" Foram as palavras que o técnico Nelsinho Baptista dirigiu ao craque, que tinha chegado um dia antes de Paris. Com a voz grave e nasalada de sempre, Raí respondeu: "Quero."

Maior ídolo da história recente do São Paulo, Raí estava de volta após quase cinco anos no Paris Saint-Germain. E o momento não poderia ser melhor — ou pior. "Sabia que corria o risco de ser massacrado se não fôssemos campeões", admite. "Mas não havia como fugir da responsabilidade."

Raí entrou em campo para a partida final contra o Corinthians com o peso de ajudar a equipe a conquistar um título que não vinha havia cinco anos. Nas duas últimas finais de Campeonato Paulista que ele disputou, havia feito seis gols (três contra o Corinthians, em 1991, e três contra o Palmeiras, em 1992). E o craque confirmou sua vocação de jogador de decisão. Marcou o primeiro gol, deu o passe para o segundo, de França, e comandou a equipe dentro de campo. Em apenas uma partida disputada, ele se transformou no principal nome no Paulistão.

Contratado há sete meses com um salário de 75 mil reais, Raí estava com o orgulho ferido. Duas semanas antes da final do Paulista, Zagallo o colocou na fogueira contra a Argentina, no Maracanã. Ninguém da Seleção Brasileira jogou bem naquele dia, mas a torcida resolveu pegar no pé do craque são-paulino. "Raí, pede pra sair" era o coro de 100 mil torcedores. Raí acabaria saindo de campo já com a quase certeza de que não estaria na lista dos 22 que vão à Copa. Bem ao seu estilo, o jogador ficou calado, para provar contra o Corinthians que não merecia aquele tratamento.

E o Corinthians é a vítima preferida de Raí. No Paulistão de 1986, quando jogava pelo Botafogo de Ribeirão Preto e ainda era conhecido como o irmão de Sócrates, ele despertou a curiosidade de todos ao marcar, em 20 minutos, três gols contra o Corinthians em pleno Pacaembu, na partida que terminaria empatada em 4 x 4. O Timão resolveu procurar o Botafogo para contratá-lo, mas o negócio não seguiu adiante. Um ano depois, Raí já estava assinando contrato.

Apesar de ter chegado em cima da hora, Raí não despertou ciumeira no elenco da equipe. Por conta da sua identificação com o torcedor tricolor — logo ao chegar ao centro de treinamento foi saudado pelo porteiro, que era o mesmo do seu tempo, e pela telefonista, que continua no clube —, os outros jogadores não ficaram melindrados. "Como eu poderia reclamar de ter dado lugar para o Raí se o homem encarna os maiores títulos da história do time?", pergunta o volante Gallo. "Fiquei chateado por ter saído, mas aliviado por saber que um cara decente como ele iria jogar", reconhece o atacante Dodô.

O São Paulo ganhou tudo na década de 90 com uma geração de craques como Raí, Müller e Cafu. Desde o desmanche daquele timaço, essa é a melhor geração de jogadores que o tricolor já conseguiu reunir. O volante Alexandre, 19 anos, tem um pulmão de aço, chuta bem e sabe passar, algo raro na sua posição. Com 20 anos, o meia Fabiano teve maturidade e garra para se firmar na equipe. É forte, hábil e veloz. No ataque estava França, que deixou Dodô, o craque do Paulista de 1997, no banco. Denilson sambou, ou melhor, "garrincheou", em campo. "É exagero compará-lo a Garrincha, mas que ele tem alguma coisa dele, isso tem", constata o técnico Nelsinho Baptista.

Nelsinho teve participação decisiva no crescimento de produção de Denilson. Com Darío Pereyra, Denilson jogava no meio-campo e era obrigado a ajudar a defesa. Nelsinho, ao contrário, deu total liberdade ao craque.

"DENILSON SAMBOU, OU MELHOR, 'GARRINCHEOU', EM CAMPO. 'É EXAGERO COMPARÁ-LO A GARRINCHA, MAS QUE ELE TEM ALGUMA COISA DELE, ISSO TEM', CONSTATA O TÉCNICO NELSINHO"

10/5/98 MORUMBI (SÃO PAULO)
SÃO PAULO 3 X 1 CORINTHIANS
J: Sidrack Marinho dos Santos (SE); **G:** Raí 30 do 1º; Didi 5, França 12 e 37 do 2º; **CA:** Cris, Romeu, Bordon, Serginho e Fabiano
SÃO PAULO: Rogério Ceni, Zé Carlos, Capitão, Márcio Santos (Bordon) e Serginho; Alexandre, Fabiano, Raí (Aristizábal) e Carlos Miguel (Gallo); França e Denilson. **T:** Nelsinho Baptista
CORINTHIANS: Nei; Rodrigo (Didi), Cris, Gamarra e Silvinho; Romeu (Edílson), Vampeta, Rincón e Souza (Marcelinho Paulista); Marcelinho Carioca e Mirandinha. **T:** Wanderley Luxemburgo

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Raí não fugiu da responsabilidade.
Só podia dar São Paulo

A ÚLTIMA DECISÃO ESTADUAL do século será lembrada por dois motivos: por ter sido o último título de Raí e pelo histórico gol de falta de Rogério Ceni

FALTAS QUE SALVAM

Sim, França foi brilhante, fundamental na conquista do 19º título paulista do tricolor. Mas, na falta do artilheiro, o São Paulo ainda podia contar com as cobranças certeiras de Rogério, Marcelinho...

O atacante França conduziu o São Paulo às vitórias durante todo Campeonato Paulista. Quando, horas antes da última partida decisiva contra o Santos, ele foi vetado para o jogo, por estar sentindo dores musculares, os são-paulinos ficaram preocupados. Afinal, mesmo podendo perder por um gol de diferença, França era o artilheiro do torneio estadual e responsável por quase a metade dos tentos marcados pelo tricolor na competição. Sem ele, quem marcaria os gols que poderiam garantir o 19º título paulista da história?

Pois, na grande decisão, o São Paulo tratou de recorrer a sua segunda grande arma ofensiva na temporada, as precisas cobranças de faltas, que decidiram partidas difíceis durante a caminhada rumo ao título, como na bela vitória por 3 x 2 sobre o Guarani em Campinas, pela primeira fase do torneio.

No jogo decisivo, como era de esperar, o Santos tentou pressionar desde o início e chegou a assustar a torcida tricolor com um gol de Dodô aos 29 do primeiro tempo. Porém, menos de dez minutos depois, viria o troco. Falta próxima à entrada da área santista. Rincón esbraveja com a defesa, reclamando da infração desnecessária e pressentindo o perigo. Rogério Ceni atravessa o campo todo, ajeita a bola com carinho e dispara um chute forte e colocado no canto esquerdo de Carlos Germano, que não chega a tempo de evitar o empate. O Morumbi, dominado totalmente pelos são-paulinos, explode.

Para quem poderia ser derrotado por até um gol, começar o segundo tempo com um empate era mais do que meio caminho andado. Mas a taça não chegaria tão fácil assim. Persistente, o Santos continuou buscando a vitória e voltou a mandar no placar aos 9 minutos, num pênalti sofrido e convertido por Rincón.

O resultado ainda interessava, mas a torcida queria mais, terminar o campeonato sem dar ao vice o gostinho de uma vitória. E a máquina tricolor, comandada pelo eterno capitão Raí, se desdobrou para conseguir um novo empate. Sem o artilheiro França em campo, novamente uma falta frontal ao gol foi decisiva. Dessa vez, Rogério Ceni nem precisou deixar a sua área. Marcelinho se encarregou da cobrança perfeita, com uma curva por fora da barreira que levou a bola para o ângulo direito de Carlos Germano.

Aos 23 minutos do segundo tempo, o empate matava qualquer pretensão santista. A partir daí, restou ao tricolor tocar a bola, perder algumas boas oportunidades de gol e fugir das botinadas dos desesperados adversários. De certa forma, o São Paulo já estava preparado para escapar da violência. Na semifinal contra o Corinthians, os tricolores tiveram que rebolar para não apanhar dos rivais, que perderam a esportiva ao serem derrotados por 2 x 1 e 2 x 0.

O título foi um justo prêmio para Raí, o mais amado ídolo das últimas décadas, que calou a boca dos críticos que o chamavam de Vovô. Para França, o artilheiro do torneio, que não esteve em campo na final, mas que deu conta do recado durante todo o Paulistão. Para Rogério, um goleiro que tem o raro dom de evitar e fazer gols. E, principalmente, para o São Paulo, o time de melhor campanha do campeonato.

"ROGÉRIO CENI ATRAVESSA O CAMPO TODO, AJEITA A BOLA COM CARINHO E DISPARA UM CHUTE FORTE E COLOCADO NO CANTO ESQUERDO DE CARLOS GERMANO, QUE NÃO CHEGA A TEMPO"

18/6/2000 MORUMBI (SÃO PAULO)

SÃO PAULO 2 X 2 SANTOS

J: Alfredo Santos Loebling e Ílson Honorato dos Santos; **G:** Dodô 29 do 1º; Rogério Ceni 38 do 1º; Rincón (pênalti) 9 do 2º; Marcelinho Paraíba 23º do 2º; **CA:** Raí, Rincón, Robert, Belletti, Baiano; **E:** Ânderson Luís

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Belletti, Edmílson, Rogério Pinheiro e Fábio Aurélio; Maldonado, Vagner, Marcelinho Paraíba e Raí (Fabiano); Edu (Carlos Miguel) e Evair (Sandro Hiroshi). **T:** Levir Culpi

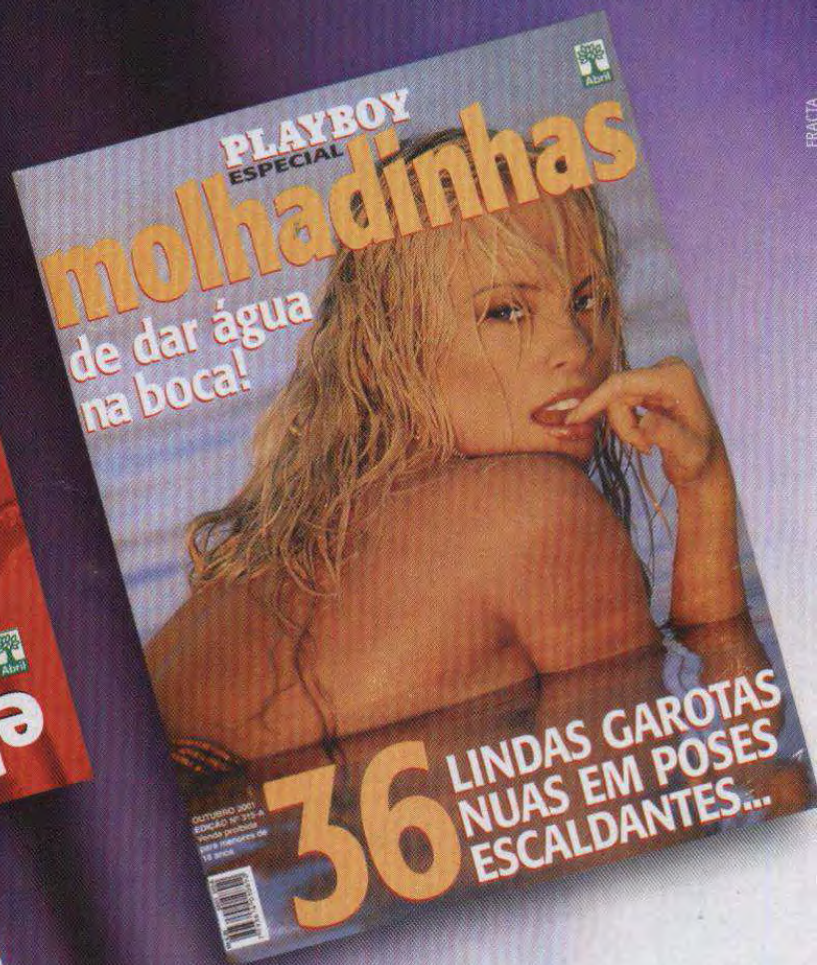
SANTOS: Carlos Germano; Baiano, André Luís, Claudiomiro e Rubens Cardoso (Aílton); Ânderson Luís, Rincón, Robert e Valdo (David); Caio (Márcio Santos) e Dodô. **T:** Giba

Rogério Ceni comemora seu gol: feito inédito em decisões

SÃO PAULO CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES 1993

EM PÉ: Zetti, Dinho, Ronaldão, Cafu, Leonardo e Toninho Cerezo; **AGACHADOS:** Müller, Doriva, Válber, Palhinha e André Luís

NICO ESTEVES

Na dúvida, leve os três.

Novos Especiais
PLAYBOY
Gatas espetaculares
de todas as maneiras,
em situações e
posições para todos
os gostos.

Não passe vontade.
Corra para a banca
e garanta os seus.

PLAYBOY
As melhores coisas da vida.